

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

BRENO PAUXIS MUINHOS

**ANJOS & CRONISTAS: *DYBBUKIM* ENTRE A DITADURA E O FUTEBOL**

Belém  
2015

BRENO PAUXIS MUINHOS

**ANJOS & CRONISTAS: *DYBBUKIM* ENTRE A DITADURA E O FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Sarmiento-Pantoja.

Belém  
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Sistemas de Bibliotecas da UFPA

---

Muinhos, Breno Pauxis, 1987-

Anjos e cronistas: dybbukim entre a literatura e o futebol /  
Breno Pauxis Muinhos. - 2015.

Orientadora: Tânia Sarmento Pantoja;

Coorientadora: Elcio Cornelsen.

Dissertação (Mestrado) - Universidade  
Federal do Pará, Instituto de Letras e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, Belém, 2015.

1. Crônicas brasileiras - História e Crítica.  
2. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 -  
Crítica e interpretação. 3. Rodrigues, Nelson,  
1921-199 - Crítica e  
interpretação. 4. Jornalismo e literatura. I. Título.

CDD 22. ed. 869.94409

---

BRENO PAUXIS MUINHOS

**ANJOS & CRONISTAS: *DYBBUKIM* ENTRE A DITADURA E O FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Sarmiento-Pantoja.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. TÂNIA MARIA PEREIRA SARMENTO PANTOJA  
Universidade Federal do Pará (Presidente e Orientadora)

---

Prof. Dr. ELCIO LOUREIRO CORNELSEN  
Universidade Federal de Minas Gerais (co-orientador)

---

Prof. Dr. BERNARDO BORGES BUARQUE DE HOLLANDA  
Fundação Getúlio Vargas - São Paulo (Avaliador Externo)

---

Prof. Dr. SÍLVIO AUGUSTO DE OLIVEIRA HOLANDA  
Universidade Federal do Pará (Avaliador Interno)

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Belém  
2015

*Aos meus pais*

## AGRADECIMENTOS

À minha família: seu Samuel, dona Alice (meus eternos mestres), minhas irmãs Magali, Léia e Agnes, minha esposa e companheira, Lorryne, e minha sobrinha Lili.

Aos meus orientadores, professora Tânia e professor Elcio, também todos os outros professores e mestres que tive, que, com disciplina e rigidez, me ensinaram bastante.

Aos meus amigos, desde aqueles que filosofam horas a fio, jogam RPG, jogavam bola, quando eu jogava, até os que dividem uma cerveja. Todos sem exceção.

Aos bibliotecários, Diego e Allan, que me ajudaram incrivelmente.

Ao historiador, Gil.

Aos advogados , Anderson e Lyoon.

Ao Paysandu e todas as suas glórias.

Ao locutor Guilherme Guerreiro.

À Rádio Clube do Pará.

Ao escritor Eduardo Galeano que, com seus textos, me fez olhar para a vida e o futebol como nunca antes.

Aos “anjos caídos”, Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues.

Aos meninos que, em 1º de agosto de 1998, fundaram um sonho de se envolver com futebol, por meio do clube Atlas da Primeira Rua. Não virei jogador, mas me envolvi com o futebol de outra forma.

Modernizar o passado  
É uma evolução musical  
Cadê as notas que estavam aqui  
Não preciso delas!  
Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos  
O medo dá origem ao mal  
O homem coletivo sente a necessidade de lutar  
o orgulho, a arrogância, a glória  
Enche a imaginação de domínio  
São demônios, os que destroem o poder bravo da humanidade  
Viva Zapata!  
Viva Sandino!  
Viva Zumbi!  
Antônio Conselheiro!  
Todos os panteras negras  
Lampião, sua imagem e semelhança  
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.

MONÓLOGO AO PÉ DO OUVIDO, NAÇÃO ZUMBI, DA LAMA AO CAOS, 1994

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os antagonismos percebidos nas crônicas esportivas escritas pelo poeta Carlos Drummond de Andrade e pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, publicadas em duas antologias post-mortem, *Quando é dia de futebol*, organizada por dois netos do poeta mineiro, e *À sombra das chuteiras imortais*, uma seleção feita por Ruy Castro. Os antagonismos são discutidos no trabalho ao apontar para as opiniões dos autores, quanto aos rumos da política nacional e da sociedade brasileira no período da Ditadura Civil-Militar; aqui percebidos na visão crítica das obras como *anjos modernos* e categorizando-as como *dybbukim literários*, a partir de reflexões sugeridas em *História & Modernismo* de Mônica Velloso e *O anjo da história* de Walter Benjamin. Para tanto, realizar-se-á uma breve discussão sobre o gênero crônica, alguns traços de sua origem no Brasil, bem como a relação entre crônica, jornalismo e Literatura. Além de uma exposição sobre estudos acerca de crônicas esportivas escritas por literatos, como Coelho Neto e Lima Barreto, e discussões que tratam do conceito de Moderno e do Modernismo; por fim, selecionaram-se algumas das crônicas dos dois autores sobre futebol e política, em que se exemplificam as categorizações propostas.

**Palavras-chave:** Carlos Drummond de Andrade; Crônica; Nelson Rodrigues.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the perceived antagonism in sports chronicles written by the poet Carlos Drummond de Andrade and the playwright Nelson Rodrigues, published in two anthologies post-mortem *Quando é dia de futebol*, organized by two of the miner poet grandchildren, and *À sombra das chuteiras imortais*, a selection made by Ruy Castro. The antagonisms are described in this work by pointing to the opinions of the authors, about the direction of national politics and Brazilian society in the period of the Civil-Military Dictatorship; here perceived in critical view of modern works such as angels, and categorizing them as literary dybbukim: from reflections suggested in *História & Modernismo* of Monica Velloso and *O anjo da história* of Walter Benjamin. This shall be held a brief discussion about the chronic gender, some traces of its origin in Brazil, and the relationship between chronic, journalism and literature. In addition to an exposition of studies on chronic sports written by writers like Coelho Neto and Lima Barreto, and discussions dealing with the concept of Modern and Modernism, finally selected some of the chronicles of two authors about soccer and politics, in which to exemplify the proposed categorization.

**Keywords:** Carlos Drummond de Andrade; Nelson Rodrigues; Chronicle.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: EM JOGO</b> -----	11
<b>2 ALGUMAS QUESTÕES CRÔNICAS: A DITADURA, A CRÔNICA LITERÁRIA &amp; O FUTEBOL</b> -----	18
2.1 O peso dos chumbos-----	18
2.2 Nem verso nem prosa: crônica-----	25
2.3 O futebol: um problema-----	29
<b>3 UM TORTO E OUTRO PORNOGRÁFICO</b> -----	47
3.1 Tempos diversos-----	47
3.2 Os anjos modernos-----	54
3.3 O torto-----	58
3.4 O pornográfico-----	62
3.4.1 A TENTATIVA DE UM CLÁSSICO-----	66
<b>4 INSTANTES DE GLÓRIA &amp; INFÂMIA</b> -----	69
4.1 Quando a literatura e o futebol jogam juntos-----	69
4.2 Crônicas angelicais-----	72
4.2.1 BREVE CRONOLOGIA DO PERÍODO DITATORIAL (1964-1985)-----	73
4.2.2 VOOS TORTOS-----	75
4.2.3 O ÓBVIO ULULANTE-----	81
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PALAVRAS PRESAS AO TEMPO</b> -----	89
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	91

## 1 INTRODUÇÃO: EM JOGO

*O que falta é arte.  
Falta algo que fica  
entre a bola e o pé.  
Falta olho, astúcia,  
malícia, garra,  
algo que vai além,  
que gira em torno  
do gramado,  
do estádio,  
das ruas em volta  
de tudo.*

*[...]*

*Falta algo que está além  
dos limites do jogo.*

*[...]*

*Falta conhecer  
o próprio rosto.*

(MOTTA, 2012, p. 36)

A Literatura, a História e o jogo. As duas primeiras são continuamente entrelaçadas em estudos, pesquisas, obras artísticas, documentos históricos etc. Há algo em jogo e a linguagem dá as regras. O terceiro, nem sempre é dotado, ou melhor, percebido, em relação com as primeiras; mas, às vezes, sim. Nota-se o quanto há na magnitude do espetáculo. Portanto, percebe-se que o jogo transfigura, em todos os seus fenômenos e diálogos com a Arte e a História.

O texto da poetisa Thereza Christina Motta, por meio da expressão “falta”, apresenta diversos elementos que são essenciais nas questões da presente dissertação: a discussão sobre a arte literária presente na crônica e na utilização do tema futebol por parte dos cronistas Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues, sem perder de vista suas aptidões literárias; a problemática a respeito dos aspectos que circundam o jogo, como a cultura, a política e a sociedade, que estão além deste; as questões intrínsecas ao gênero, que nos faz rever a história, os flagelos que apresenta – a ditadura civil-militar brasileira, e, portanto, nós mesmos.

De que forma podemos encontrar pontos de convergências entre tais assuntos? Como literatos, da poesia e da dramaturgia manifestaram suas capacidades artísticas ao escrever sobre um tema como o futebol naquele momento? Como a conjuntura ditatorial e democrática em que escreveram fora determinante na construção de seus textos? Como a arte literária poderia ser percebida no gênero crônica? De que maneira o Futebol, a Literatura e a Política desenvolvem um jogo de sentidos entre si?

Com a pretensão de responder às perguntas anteriores, diante de todos os questionamentos propostos, a primeira questão a ser tratada é a própria Arte Literária. Que concepção de Arte será pontuada nas linhas que tecem o presente trabalho? Nos ajuda na reflexão sobre tal essencial pergunta, Martin Heidegger:

[a] arte é histórica e, enquanto histórica, é a salvaguarda criadora da verdade na obra. [...] Como instauração, a arte é essencialmente histórica. Isto não significa apenas: a arte tem uma história, no sentido exterior de ela ocorrer também na mudança dos tempos, ao lado de muitos outros fenômenos, e de aí se ver sujeita a transformações e perecer, oferecendo à história aspectos mutáveis. A arte é histórica, no sentido essencial de que funda a História e, mais propriamente, no sentido indicado.

Arte faz brotar a verdade. [...] (HEIDEGGER, 2004, p. 62)

A Arte e a História estão interligadas pela verdade que propõem, delineando um jogo de sentidos que tem suas regras na linguagem em que se manifestam. A arte não é a realidade histórica, mas sim um reflexo desta realidade. A natureza, a realidade que circunda a própria Arte, é transfigurada em uma verdade artística: “A natureza, na medida em que existe sem finalidade e intenção, inclusive sem esforço, e enquanto é um jogo que sempre se renova, pode, por isso mesmo, surgir como um modelo da Arte.” (GADAMER, 1999, p. 179).

A olhares céleres, usualmente, a Ditadura Militar, a crônica literária de Carlos Drummond de Andrade e de Nelson Rodrigues e o futebol brasileiro destoariam em certos graus de culminância? A presente dissertação objetiva traçar a congruência de tais temas, por meio da diversidade de questões levantadas em torno do futebol, própria da perícia textual dos cronistas que, como literatos, trouxeram à tona significados, aparentemente deslocados, à proposição primária que o tema traria, ou seja, discutir apenas o esporte e seus elementos mais diretos. Nos textos que servirão de exemplo para a exposição das categorias estéticas propostas, os

escritores desenvolvem críticas e elogios que ultrapassam os limites daquilo que seria apenas uma crônica sobre futebol, e tal característica desponta, quando dialogam com o contexto político-social em que ambos estavam inseridos.

Os “Anos de Chumbo”, um momento na história brasileira abalado por toda estrutura imposta pela censura, tortura e cerceamento da liberdade individual, promulga uma diversidade emergencial, décadas depois da reabertura política, de questões ainda inacabadas e sem respostas. A crônica literária levanta, ainda, uma ampla discussão, quanto à literatura jornalística e seu lugar no reconhecimento literário como um todo. Nessa conjectura, o futebol seria um assunto de menor importância? Uma banalidade?

Provavelmente, não, principalmente, em momentos em que se rediscute a noção de cultura popular e se reestabelece noções de identificação nacional e cultural. Contudo, observemos este fragmento deixado pelo poeta João Cabral de Melo Neto, encontrado em uma edição de *A Paixão Segundo G.H.* de Clarice Lispector, organizada por Benedito Nunes (1988):

#### CONTAM DE CLARICE LISPECTOR

Um dia, Clarice Lispector  
intercambiava com amigos  
dez mil anedotas de morte,  
e do que tem sério e circo

Nisso, chegam outros amigos,  
vindos do último futebol  
comentando o jogo, recontando-o,  
refazendo-o, de gol em gol.

Quando o futebol esmorece,  
abre a boca um silêncio enorme  
e ouve-se a voz de Clarice:  
Vamos voltar a falar na morte?  
(MELO NETO in NUNES, 1988, p. 15)

Diante de debates sobre as “profundezas da morte”, pouco se espera que o futebol adentre por este arcabouço tão sinuoso? Como o texto expõe, alguns estavam “no futebol” e para eles ali havia algo próprio e intrigante, mas isso não salta aos olhos ou à atenção da escritora Clarice Lispector. Afinal, a Literatura, muitas vezes, não teria espaço para lidar com tal elemento ou, por vezes, nem a

História, a Filosofia, ou a Religião? O escritor uruguaio Eduardo Galeano usa tom de denúncia:

Um vazio assombroso: a história oficial ignora o futebol. Os textos de história contemporânea não o mencionam, nem de passagem, em países onde o futebol foi e continua sendo um símbolo primordial de identidade coletiva. (GALEANO, 2009, p. 204)

Eduardo Galeano e seus textos são reconhecidos pela crítica sobre a história da América Latina como um todo, desde o período das colônias até a contemporaneidade; argumenta contra o que considerou como exploração econômica e política do povo latino-americano inicialmente pela Europa e depois pelos Estados Unidos. Em uma das crônicas finais do jornalista em *Futebol ao sol e à sombra* (2009), percebe-se que o futebol na América Latina é mais do que um simples esporte; ultrapassa as significações imediatas e transforma-se em afirmação cultural de toda uma comunidade. O símbolo carrega e transfigura elementos da própria sociedade que o pratica. É um rito contínuo e necessário, como expõe o historiador holandês, Johan Huizinga:

[a] representação sagrada é mais do que a simples realização de uma aparência, é até mais do que uma realização simbólica: é uma realização mística. Algo de invisível e inefável adquire nela uma forma bela, real e sagrada. [...] Em sua intenção é delimitado um universo próprio de valor temporário. Mas seus efeitos não cessam depois de acabado o jogo; seu esplendor continua sendo projetado sobre o mundo de todos os dias [...] (HUIZINGA, 2010, p. 17)

O que torna possível o jogo de permanecer mesmo quando encerrado? O questionar sobre ele. Nesse ponto a crônica e diversos outros gêneros possíveis de abordá-lo tornam-se instrumentos fundamentais de propagação do mesmo. Algumas crônicas podem somente propor uma dúvida, outra pode enaltecê-lo, mas também alguma delas poderia desprezá-lo. Há, no entanto, aquelas que revelam outros sentidos escondidos no jogo e em suas manifestações ao redor; são algumas dessas que nos serão objetos de atenção.

Apesar de muitos escritores nacionais como Lima Barreto e Graciliano Ramos entenderem o futebol, em seu período inicial no Brasil como banalidade, criticando as competições e disputas, muitos também o defenderam, considerando-o uma

metáfora da guerra, da vida – ou de ambas, principalmente, ao tratarmos sobre o período posterior ao Golpe Militar de 1964.

Ao fazer uma minuciosa pesquisa sobre o futebol carioca do início do século XX, Leonardo Affonso Pereira em *Footballmania* (2000) demonstra que o esse jogo foi alvo de inúmeros debates por parte dos escritores brasileiros e que, progressivamente, se transformou em um elemento fundamental para a construção da identidade nacional no início do século passado. Literatos como Olavo Bilac, Paulo Barreto, Coelho Neto, Graciliano Ramos e Lima Barreto são alguns exemplos de escritores e poetas que se dedicaram, alguns mais e outros menos, a tecer comentários sobre o ele, quando o esporte ainda era uma novidade vinda da Europa. Suas opiniões foram expressas em um gênero em particular: a crônica, gênero jornalístico importante do século XIX.

Ainda que não possuísse nenhuma grandeza literária àquela época, tinha prestígio entre o leitor comum, uma vez que a ela se dedicavam homens de letras, cujo papel era relevante na cena literária de então, a exemplo de Machado de Assis, Olavo Bilac, entre outros. Conforme observa Angélica Soares (2006), a crônica, espécie de “registro poético” do “imaginário coletivo”, captura os fatos cotidianos de forma intencionalmente fragmentada, sem os absorver por inteiro. Jorge de Sá, em *A Crônica* (2002), faz alusão à “Carta de Caminha”, documento que relatava as primeiras impressões que os membros da frota de Pedro Álvares Cabral tiveram ao aportar na costa brasileira e pondera que a Literatura nacional surgiu de uma crônica, de modo que não é de se surpreender com a participação de “homens de letras” na prática do gênero, que muito embora jornalístico, se aproxime da literatura. Percebe-se, tomando por base Antonio Candido, em *A Vida ao Réis do Chão* (1992), que a crônica seria um “gênero menor”, próximo do leitor e de sua realidade, mas que flerta com a poesia.

Foi ao tentar reunir esse gênero, que se origina nos jornais, com dois temas paradoxais à problemática da identidade nacional – o futebol e a Ditadura – que a presente pesquisa acabou por se desenvolver. Por mais que seja de conhecimento compartilhado que a crônica sobre o esporte tenha estado presente nas páginas de periódicos dos oitocentos, o presente trabalho ateve-se às crônicas de dois escritores do século passado que trataram dos assuntos escolhidos: Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues. A escolha dos autores deveu-se ao fato de Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade produzirem suas crônicas

sobre futebol na mesma época, pouco depois do início do século XX e depois da segunda metade do mesmo século.

Os reconhecidos escritores Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade abordaram temas variados em suas crônicas e, muitos deles, semelhantes. Nesta variedade de inúmeros assuntos que foram objeto de atenção dos dois escritores, dois deles serão privilegiados nesta pesquisa: o futebol e a Ditadura, não de maneira separada, mas relacionada. No que diz respeito a esses assuntos, interessar-nos-ão suas relações com outros temas conexos: como são estabelecidas, nas crônicas dos autores, as relações entre o futebol e a sociedade brasileira durante o período militar? Como os autores estabelecem a relação entre futebol e política? Como sustentam suas posições críticas?

Tendo isto em vista, pretende-se também verificar como os dois autores discutiram esse esporte e que posições tomaram com relação ao futebol e à sociedade nacional (política e futebol etc.). É notório que divergiram muitas vezes, entretanto, também se evidenciará paralelos e semelhanças.

Para tentar responder a tais indagações, foram eleitas duas obras em particular: *Quando é dia de futebol* (2002), coletânea de textos pelos netos de Carlos Drummond de Andrade e *À sombra das chuteiras imortais* (1993), uma obra-prima na vasta produção de Nelson Rodrigues, coletânea de crônicas de futebol organizada pelo jornalista e escritor Ruy Castro, também biógrafo de Nelson Rodrigues. Ambas constituem importante gama de informações para quem se interessa pelo assunto, razão pela qual foram selecionadas como principais fontes de pesquisa da presente Dissertação de Mestrado.

Ao trabalhar com as crônicas de ambos os escritores, observa-se uma visível complexidade na tessitura do texto, que pode ser discutida e analisada tanto em seus elementos internos, estruturais, quanto no que diz respeito às concepções que os autores têm a respeito da relação entre futebol e o momento político que o país vive naquele período, componentes dos elementos externos.

Outra fonte de referência e inspiração são os ensaios de Eduardo Galeano sobre o futebol, nos quais encontrou-se uma reflexão de que a comoção e complexidade descrita nas crônicas de Nelson Rodrigues ou Carlos Drummond de Andrade, possivelmente, têm relação direta com o ofício de ambos no meio literário. Em suma, acredita-se que o fato de serem escritores que se dedicaram a vários gêneros literários, como o teatro, o romance e a poesia, tenha, de alguma forma,

contribuído para que, ao tratarem de assuntos, aparentemente distanciados das reflexões literárias usuais –o futebol e a política nacional– conseguiram aproximá-los do que se entende por um texto de natureza literária, preocupado não somente com a notícia, mas, sobretudo, com a forma de apresentá-la ao leitor: convidando-o à reflexão maior, buscando compartilhar sua visão.

Partiu-se dessas prerrogativas o interesse em analisar, aqui, tais crônicas.

A dissertação configura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo serão discutidos alguns aspectos artísticos, políticos e sociais presentes no período militar brasileiro, bem como o levantamento de elementos estéticos e históricos da crônica no Brasil, além da exposição de vários aspectos da chegada e afirmação do futebol em nosso país, a partir de trechos de algumas crônicas escritas por literatos. No segundo capítulo, as discussões propostas pautar-se-ão nos conceitos de História, Modernismo e Modernidade, discutidos por Mônica Velloso, que são pontuais no desenvolvimento da concepção de *anjo* e *dybbuk*, proposta a partir da leitura de Walter Benjamin, para a categorização das crônicas – o primeiro estabelece relação com a História, e o segundo propõe paralelo com a Literatura. Há também a apresentação do estilo presente em cada um dos cronistas e o diálogo possível com suas produções literárias e com crítica já realizada, além de apresentar trechos de algumas crônicas e as interpretações possíveis dentro das categorias previamente discutidas. No terceiro capítulo, serão apresentadas as crônicas selecionadas, a partir de trechos e paráfrases e suas interpretações, junto às questões levantadas nos capítulos anteriores.

## 2 ALGUMAS QUESTÕES CRÔNICAS: A DITADURA, A CRÔNICA LITERÁRIA & O FUTEBOL

*Aqui na terra tão jogando futebol*

*Tem muito samba,*

*Muito choro*

*E Rock'n Roll*

(BUARQUE, Chico. Trecho da música "Meu Caro Amigo")

### 2.1 O peso dos chumbos

A década de 1960 refletia uma realidade conturbada, porém dinâmica: Fidel Castro e John Kennedy cortam relações entre seus países, Yuri Gagarin vai ao espaço, Martin Luther King vai às ruas com mais de duzentos mil americanos negros; no Brasil, ocorre a inauguração de Brasília, a renúncia de Jânio Quadros, em um país que despontava intelectual e estruturalmente, enquanto algumas nações europeias se levantavam a passos lentos das mazelas deixadas pela Segunda Guerra Mundial, e outras, como a própria Alemanha, se reestruturavam rapidamente.

A pequena amostra da música de Chico Buarque pode servir como uma tentativa de resumir um momento do período militar no Brasil. Todavia, obviamente, dada à censura da época, o compositor não entra em detalhes que tornaram este momento como único em nossa história; não no que se refere a um período ditatorial, afinal, já se havia passado pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, mas sim em termos de trabalhos artísticos, culturais e sociais. Observa-se a produção literária e musical como partes integrantes da própria história nacional que, portanto, se constituem processos de criação artística sobre a realidade, não meramente um "reflexo" desta. Compreender alguns detalhes do momento histórico, em que a produção alvo da pesquisa se realizou, torna-se necessário para o entedimento de vários aspectos dos textos escolhidos e é o foco presente neste capítulo. Problemas crônicos são aqueles que não podem ser resolvidos em um curto espaço de tempo

e, normalmente, retornam – forçando-nos a reavaliá-los<sup>1</sup>. No texto introdutório, já se apresentou a concepção histórica que fora escolhida para o desenvolvimento da presente dissertação e, nesta parte, o diálogo se fixará em torno dos aspectos históricos do período, da crônica, como manifestação literária e do futebol, enquanto fenômeno sociocultural.

A capital, Brasília, dava seus primeiros passos depois de mais de uma década do início de sua construção estratégica e simbólica no centro do país. A ideologia populista evoluía junto ao desenvolvimento da política socialista, vinda de outras partes do mundo que, de maneira discreta, ganhava espaço em círculos eruditos nacionais.

Os trabalhos de muitos intelectuais se aproximavam da população, à medida que mais espaços de exposição cultural surgiam e eram fomentados, embora ainda houvesse muito a ser feito; a desigualdade social e a regional geradas em anos de império e de república velha eram muito grande. A Educação e o conhecimento apresentavam-se como caminho necessário a ser trilhado para solucionar tantas mazelas acumuladas em tanto tempo; não obstante, muitas vezes, tomavam-se como exemplo os revolucionários cubanos e chineses que advinham de realidades que se tornavam reflexo ideal para se traçar paralelo com a realidade brasileira; no intuito de “despertar” o povo para suas possibilidades e potencialidades, a Arte deveria caminhar lado a lado com tais premissas de desenvolvimento intelectual, como aponta Dênis de Moraes:

As peças teatrais, os filmes e os shows musicais eram apresentados em sindicatos, favelas, clubes, quadras de escolas de samba, praças públicas ou à entrada de estações rodoviárias e ferroviárias. O importante era ir aonde o povo estivesse, com espetáculos que refletissem suas aspirações e necessidades mais imediatas. Os inimigos a denunciar eram o capitalismo, as elites gananciosas, o imperialismo, o latifúndio, a corrupção e a exploração dos trabalhadores pelo capital. O caminho dos artistas e intelectuais do CPC era o da “arte popular e revolucionária”. (MORAES, 2011, p. 21)

Eram passos obrigatórios, dado ao clima de tensão estabelecido pelos inúmeros conflitos ao redor do mundo; na primeira metade do século XX, que ainda

---

<sup>1</sup>No capítulo seguinte a “reavaliação histórica” que se sugere ser proposta pela crônica estará situada junto à categorização estética aos quais os textos em discussão foram avaliados.

deixavam muitos vestígios remanescentes: levantes camponeses, guerras civis, confrontos de colônias que queriam se libertar etc. A tradição cultural de diversas nações fora abalada, e refletiria isso em seus mais variados graus; “Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie.” (BENJAMIN, 2013, p. 13) Como se poderia remediar os vestígios latentes deixados por essas mudanças violentas? Ou, como se poderia evitar que se repetissem?

No início da segunda metade do século XX, a América Latina passou por momentos de grande tensão em sua história. Eram repúblicas novas, ainda repletas de problemas sociais e políticos intensos: oligarquias que se perpetuavam e desigualdade social, advindas do período colonial, configuravam-se como adversários a serem vencidos com dificuldade. Além disso, os diversos países latino-americanos haviam sido abalados pelas novas políticas mundiais, muitas das quais foram transmitidas após o desfecho da Segunda Guerra Mundial. A História revelou que as tentativas de resolução culminaram com momentos agudos, que dividiam intelectuais e políticos, que resultaram em tomadas da segurança e liberdade civil por parte de forças militares.

Obviamente, a resistência se fez presente antes de qualquer “derrota”. Como aponta Moraes,

[p]oderíamos chegar à revolução pela via pacífica ou pela via armada – era tudo uma questão de ótica. Para os extratos mais à esquerda do bloco nacional-reformista, a questão central era superar a polarização capitalismo dependente *versus* capitalismo nacional e convencer as massas de que a proposta socialista era viável e a mais sintonizada com suas aspirações por reformas estruturais. (MORAES, 2011, p. 58)

Os grupos “mais à esquerda” possuíam claramente a intenção de levar o país ao regime socialista, que já se manifestava, ainda que coberto de seus próprios antagonismos, em outras partes do mundo.

No Brasil, no início da década de 1960, o que ocorreu não foi diferente do que ocorria em tantos outros países do continente latino-americano. Em momentos nos quais se abraçavam oportunidades e alusões de mudanças, a velocidade com que se desenvolvia o pensamento crítico não permitia um acompanhamento das forças políticas diversas, que tentavam à maneira deles representar a variedade de anseios da população; como afirma Moraes (2011, p. 57), “[...]PTB e PSD, parceiros

táticos na aliança governamental, UDN e mais os dez partidos que tinham disputado as eleições de 1962 já não representavam a diversidade ideológica estampada na complexa realidade social do país”. A elite se preocupava; não seria fácil conter uma mudança ainda não vivenciada.

A cada nova notícia que se expunha sobre mudanças advindas de outras partes do mundo: principalmente na Ásia e no leste-europeu, onde nações exploradas, tais quais o Brasil, que por meio da resistência e da luta, ainda que de maneira conturbada e, muitas vezes, antagônica, conquistavam seus direitos civis e liberdade individual. Na sociedade brasileira, ambos os lados percebiam que algo era preciso ser feito: lutar para que a mudança chegasse até a realidade do país, ou lutar para que não se entregasse um país às mãos de uma “revolução perturbadora”. Como expõe Dênis de Moraes,

[o]utros fatos no plano internacional reforçavam a convicção de que o mundo mudava, com perspectivas mais favoráveis à revolução. A China iniciara uma ofensiva para a modernização industrial e o aumento da produção. Na África e na Ásia, os movimentos de libertação das antigas colônias obtinham avanços. E, depois de prolongada e sangrenta guerra contra o exército francês, a Argélia conquistara sua independência, em 1962.

Mas, se a nossa câmera focalizasse as Américas do Sul e Central, os espectadores logo perceberiam que os retrocessos também modelavam a geopolítica. Entre o início de 1961 e o fim de 1963, nada menos que sete golpes militares haviam derrubado governos constitucionais em El Salvador, Argentina, Peru, Equador, Guatemala, República Dominicana e Honduras. Como se não bastasse, os Estados Unidos investiam no programa “Aliança para o Progresso”, para ajudar os países da América Latina a se livrarem da “ameaça comunista”. (MORAES, 2011, p. 65)

Além do patrocínio norte-americano em defesa dos regimes ditatoriais na América Latina, o regime tinha outro grande fator a seu favor: os grupos revolucionários que rachavam devido às divergências interiores. À medida que os anseios por uma mudança imediata chocavam-se internamente, tendo em vista as diversidades ideológicas e aos variados apelos dos partidários, por outro lado, aqueles que lutavam para que uma transformação “perigosa” não ocorresse, herdeiros remanescentes das oligarquias imperiais, parte da Igreja Católica, grandes empresários e militares reacionários também agiam à maneira deles:

Empresários, proprietários rurais, militares agrupados na Escola Superior de Guerra e em comandos de unidades importantes, a embaixada americana, as “raposas” do PSD e da UDN, as grandes corporações multinacionais e a hierarquia tradicionalista do clero observavam toda aquela mobilização popular com indisfarçável preocupação. (MORAES, 2011, p. 117)

As forças reacionárias organizavam-se com intensidade e temor; parte da imprensa estava ao lado deles. A Arte precisava ser observada de perto, pois expunha possibilidades e ideologias, nem sempre de maneira tão discreta. Uma manifestação artística representava muito mais que apenas uma exposição estética, como traduz Rodrigo Patto Sá Motta:

Em algumas circunstâncias, o riso pode servir para desanuviar o ambiente político nos contextos de crise, funcionando como válvula de escape para liberar tensões. Como um dos seus efeitos é conjurar o medo e a ansiedade, ou pelo menos lidar melhor com esses sentimentos, alguns autores falam dele como ópio ou narcótico. Seja como for, permanece uma zona de ambiguidade no que toca à discussão sobre os efeitos políticos da comicidade e do humor. Dependendo do contexto, o riso pode tanto colocar lenha no fogo da revolta como desmobilizar os espíritos e acalmar os ânimos. (MOTTA, 2006, p. 24)

A derrota dos opositores ao regime fazia-se iminente. E logo a mídia tomou partido e contribuiu enormemente na tomada de diversos anseios populares, que eram expostos ao medo da “ameaça vermelha”, que supostamente se infiltrava nas universidades e nos círculos intelectuais. Como afirma Dênis de Moraes,

[i]magens impressionantes exibidas pelos telejornais: 500 mil pessoas tomando o centro de São Paulo, da República à Praça da Sé. Milhares de senhoras bem vestidas; delegações de todo o Estado, transportadas em 2.500 ônibus; freiras contritas rezando seus terços. No coração, o pavor da “comunização do país”. O inimigo, afinal, era um “monstro” de vários tentáculos: ateu, corrupto, insidioso, bolchevista, cubano, imbuído da firme determinação de solapar as liberdades, destruir a família e expropriar as propriedades de todos. (MORAES, 2011, p. 158)

Com enorme apoio popular, o Golpe Militar de 1964 se tornou realidade. A realidade brasileira seria posta em grande mudança. A luta agora fragilizada também haveria de se transformar, enquanto os “vencedores”, “defensores da família e da liberdade”, expunham orgulhosamente suas justificativas para a tomada do poder.

Na visão dos vitoriosos de 1964, seu sucesso implicou não somente a derrota de Jango e dos grupos de esquerda nacionais, mas teve repercussões além-fronteiras. Afinal, o xadrez político jogado à época tinha dimensão internacional, e a queda de Goulart foi interpretada como uma vitória do “mundo livre” contra o “império do mal”. (MOTTA, 2006, p. 177)

O governo militar, recém estabelecido, começava a dar seus primeiros passos. O monitoramento por meio de agentes de espionagem nos grupos resistentes era uma das preocupações imediatas: resolver os problemas antes que pudessem vir a crescer. Censores foram infiltrados em universidades, espaços públicos de cultura, bibliotecas, praças, teatros etc. O temor de revoltas armadas era uma preocupação de muitos escalões militares. Como expõe Carlos Fico,

[d]epois do golpe, o governo. Fim das exaltações? Ao contrário: dezenas de “marchas da família, com Deus, pela liberdade” comemorariam, em todo o Brasil, ao longo dos meses de abril, maio e junho, a vitória dos golpistas de 1964. Ao mesmo tempo, o arbítrio e a truculência, atos que pasmariam parte da classe média letrada, sobretudo a que acompanhava pelos jornais as primeiras denúncias de tortura que espocavam, aqui e ali. Encabulavam-no, mas o marechal queria governar, esquecer os desatinos dos últimos dias. Ansiava por uma espécie de volta á normalidade, ele nunca se sentira confortável durante as conspirações, assistindo a excessos que mesclavam arroubos inconvenientes de militares exaltados a fomentações indevidas de civis tentados por promessas de poderio quase lúbrico: “vivandeiras alvoroçadas, [que] vêm aos bivaques bulir com os granadeiros e provocar extravagâncias do Poder Militar”, dizia. Castelo queria governar. (FICO, 2004, p. 71)

Os bivaques eram os acampamentos militares improvisados, que estavam a postos a qualquer formação armada, ou não, de grupos de oposição. Havia poucas formas de lutar de maneira mais branda e pacífica, os momentos que se seguiram expunham a violência e a resistência das partes envolvidas. Ainda que os militares tivessem um poderio bélico superior e semeassem medo com os rumores de espionagem, perseguições e torturas, os “terroristas” revolucionários também reagiam de forma punjante: táticas de guerrilha urbana, manifestações, assaltos a bancos, sequestros de embaixadores etc. O legado da luta resistente permaneceu, mesmo com o Golpe. Como aponta Dênis de Moraes,

[é] fundamental salientar que a derrota em 1964 não abalou a paixão pela política – e, para vários deles, pelo poder. O intervalo imposto pelas cassações de mandatos, suspensões de direitos políticos e exílios, durante mais de 20 anos de regime militar, não abalou a vocação legítima da maioria para expressar democraticamente, na arena pública da política, anseios e sentimentos coletivos. (MORAES, 2011, p. 212)

Os reflexos dos embates anteriores e posteriores ao Golpe foram sensíveis na Arte. As representações mais arrebatadoras ocorreram depois. Exemplos pungentes são a Tropicália na música popular brasileira e o teatro de rua, não raras vezes, apoiados por movimentos estudantis em escolas e universidades. Não é à toa que também se registrou inúmeros exílios forçados de intelectuais e artistas. Na arte literária, em particular, verifica-se a participação engajada de muitas manifestações, como se percebe na afirmação de Renato Franco:

Engajamento e viabilidade da literatura seriam, portanto, as questões que dominariam boa parte do cenário literário da década de 1970: após o período mais truculento da ditadura, quando a vida cultural seria oxigenada pelos ventos do processo de “abertura política” promovido pelos militares a partir do fim do governo Médici, os intelectuais e escritores continuariam a questionar as alternativas para as atividades culturais mais atadas à tradição ou até mesmo a indagar se elas seriam ainda viáveis. (FRANCO, 1998, p. 47)

O governo do Presidente Médice fora considerado, por muitos estudiosos, como o auge do Regime. Tornou-se quase que necessário que diversos literatos expusessem suas opiniões, que pudessem soar contrárias ao governo, de maneira discreta. Aqueles que permaneciam à maneira deles resistindo, ou mesmo apoiando a mudança, o faziam por meio da Arte ou de opiniões veiculadas nos meios de comunicação.

Nesse ponto, o gênero crônica também se apresentará como uma alternativa de expor posicionamentos de apoio ou de contrariedade ao Regime; fosse este enquadrado como literário ou não. Sempre convidativa a compartilhar sua opinião – discretamente, ou nem tanto, adentrando e fazendo refletir sobre as convicções do leitor.

No tópico seguinte, entender alguns caminhos históricos por quais o gênero percorreu, sua oscilação entre jornalismo e literatura, será o foco principal.

## 2.2 Nem verso nem prosa: crônica

É notório que, no senso comum, muitos pensam atualmente, ainda, em Literatura como produção de poesia ou prosa. A primeira, por carregar tal título desde a antiguidade, a segunda, por ter se erguido como Literatura, posteriormente, ao longo de vários períodos históricos. Todavia, sabemos, já há algum tempo, que o ensaio e a crônica, cada vez mais, se inserem no diverso e, algumas vezes, no restrito mundo das obras de reconhecimento literário. Cabe-nos salientar que nem sempre foi assim. Por vezes, o caminho percorrido pela crônica fora árduo e polêmico: não nos remeteremos aos primórdios, algo que certamente valeria páginas, além das possíveis para um estudo detalhado, mas somente a sua trajetória no Brasil, a partir do final do século XIX, que já é complexa o bastante.

O estudioso Antonio Candido (1992, p. 13) afirma que a crônica é um “gênero menor”. Para sustentar tal proposição, comenta que esse gênero está ausente das Histórias Literárias que possuem vasto leque de romancistas, dramaturgos e poetas consagrados. Além disso, ressalta que não se conhece nenhum Prêmio Nobel que tenha se dedicado tão somente à crônica, mesmo que a qualidade do cronista fosse considerada das melhores. No entanto, se de um lado ela é desprovida de nobreza do ponto de vista da “alta literatura”, de outro, ao estar longe dos “bastiões literários superiores”, a crônica está mais próxima de nós; está mais próxima do leitor. E isto se dá, do ponto de vista do crítico, em virtude do fato de o gênero tratar justamente de assuntos cotidianos, vazados numa estrutura formal de aparência solta, fazendo uso de uma linguagem próxima daquela do leitor.

Portanto, essa aparente “humildade” da crônica acaba por justificar que a abordagem dos assuntos seja mais próxima da realidade do leitor, pois esses assuntos são tratados com uma linguagem que transmite familiaridade ao destinatário. Logo, há uma tentativa de convencer aquele que lê; de assimilar a matéria esmiuçada por aquele que escreve.

Por sua vez, o pesquisador Antonio Candido (1992, p. 14) ressalta que os outros gêneros não são “melhores” que a crônica ou tão distantes da realidade do leitor, apenas que os assuntos abordados por estes, a forma como são desenvolvidos e a linguagem que podem apresentar são típicas de pressupostos artísticos, o que nem sempre compõe o propósito do cronista. A crônica, considera,

vê grandeza nas coisas miúdas e as expressa sem as pompas da linguagem. No entanto, isto não a distancia da poesia e da verdade.

Parte dessa aproximação para com o leitor, e seu cotidiano, não se deve somente à linguagem ou abordagem utilizada, mas também ao suporte que, comumente, viabiliza a difusão do gênero, o jornal. Tal suporte dialoga, inevitavelmente, com a perspectiva assumida pelo autor. Para Antonio Candido (1992, p. 14), a perspectiva dos cronistas não é a dos que escrevem do alto da montanha, entretanto, estariam mais próximos do próprio “rés do chão”. Em suma, a crônica, a princípio, não tem pretensão de durar, uma vez que é veiculada em um suporte, geralmente, após a leitura, destinado ao descarte. Isso, de certa maneira, tira-lhe a pompa e a aproxima do leitor. Como se sabe, a crônica passará a outros suportes, chegando ao suporte livro, seja por vontade de seus criadores, seja por iniciativas de editores. Mas isso só virá a ocorrer no século XX, depois de um longo caminho trilhado pelo gênero.

Conforme Antonio Candido (1992, p. 15) e Jorge de Sá (2002, p. 9), antes de se firmar e se constituir como um gênero estabelecido, chegando atualmente a figurar-se no formato livro, a crônica teve suas primeiras manifestações ocorridas apenas em um espaço particular, que se chamava folhetim. O folhetim era, em princípio, um espaço restrito que se localizava no rodapé do jornal. Nesse espaço surgido no século XIX, eram tratados assuntos dos mais diversos, muitos dos quais cotidianos, como questões políticas, sociais, artísticas etc. Praticamente tudo o que pudesse informar os leitores dos fatos ocorridos naquele dia ou naquela semana eram assunto do folhetim.

Muitos foram os autores consagrados da Literatura Brasileira que o utilizaram para dar voz às suas opiniões. São exemplos de cronistas do século XIX e primórdios do século XX: o romancista Machado de Assis, o poeta Olavo Bilac e Paulo Barreto, conhecido como João do Rio.

Machado de Assis, em reflexão sobre a natureza e função do que seria o “folhetim”, que nessa época apresenta função similar ao da “crônica” que estava por surgir, assinala sua união entre o fútil e o útil, a combinação de seriedade com a frivolidade, a sua necessidade de tomar os mais diversos assuntos por mote.

*O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e esponeja-se sobre*

*todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo mundo lhe pertence; até mesmo a política.* (ASSIS *apud* MEYER in CANDIDO, 1992, p. 94, grifo do autor)

Ao tratar o folhetinista como “colibri”, que pousa de tema em tema, sem se manter por muito tempo em um especialmente, Machado de Assis, ainda jovem, expressa muito bem qual era, e ainda é, o papel do folhetim, atualmente denominado crônica, na sociedade. Todavia, o folhetim a que Machado de Assis se referiu não é o romance folhetim, praticado por ele, por José de Alencar, Aluísio Azevedo e tantos outros escritores do século XIX. O romance folhetim ganhou esse nome justamente, porque ocupou o espaço do folhetim nos rodapés dos jornais, transferindo-os para outras colunas. Portanto, afirma-se que ambos acabavam por apresentar-se no mesmo espaço; um servindo-se de um fato ocorrido, explicitando uma opinião, e o outro produzindo uma narrativa de natureza ficcional. Sobre a configuração artística da ficção aponta Karlheinz Stierle:

Um passo adiante e, no meio tão-só da linguagem, está a ficção autotélica. Ela é, ao mesmo tempo, a máxima intensificação do imaginário, na medida que o imaginário, para atingir sua maior descarga, precisa sobretudo de configuração artística. (STIERLE, 2006, p. 16)

A afirmação do crítico alemão vai ao encontro do que, para Jorge de Sá (2002, p. 9) é importante: reiterar sobre a diferenciação que a crônica aos poucos assume, quando comparada aos outros gêneros. De seu ponto de vista, a crônica vai ganhando, com o passar dos tempos, uma identidade mais literária, o que se assemelha com a aquisição do caráter autotélico, apontado pelo teórico alemão, em que a intensificação do imaginário sobrepuja o caráter mimético e se aproxima do aspecto poético. Referindo-se a João do Rio e sua obra *As religiões do Rio*, e a Rubem Braga, literato mais recente que apresenta trato similar ao de Paulo Barreto, evidencia-se que não apenas o enfoque mudou, mas também a estrutura e a linguagem utilizada. Apesar de aproximar a crônica de gêneros literários de fato, Jorge de Sá (2002) assinala que em outros gêneros, como o romance de folhetim e o conto, o autor elabora personagens, cenário, tempo e atmosfera para sua composição, diferente do que ocorre com a crônica que se apresenta de forma mais solta, haja vista que o fato apresentado não é exposto por um narrador, que muitas vezes é uma personagem, e sim por um repórter.

Jorge de Sá (2002, p. 11) considera a crônica um gênero jornalístico que pode ser coberto de características literárias. Enfatiza o fato de que a crônica deve relatar fatos de forma detalhada e mais próxima de como ocorreram, ou ser fiel ao momento circunstancial em que é produzida, contudo é recriada pela linguagem do cronista: criando espaços de ficção.

Além dos detalhes, expressos através da opinião do cronista, que ajudam a dar concretude ao texto, há de se enfatizar também as distinções que se faz da crônica para com outros gêneros, principalmente o conto, em virtude do tamanho do texto desenvolvido. Tanto o conto como a crônica ocupam um espaço menor do que aquele reservado ao romance ou à novela. Para Angélica Soares (2006, 42, 54-55 p.), o conto seria a forma narrativa de menor extensão, a novela seria intermediária entre o conto e o romance, e o último teria extensão e complexidade maior.

Além disso, a crônica, não necessariamente, possui pretensões ficcionais. A crônica é um registro circunstancial realizado por um narrador-repórter que relata um determinado fato não apenas a um receptor, mas sim a vários receptores que conjuntamente criam um público específico. Tal público procura a crônica escrita sobre um determinado assunto ou de um determinado jornal ou de um determinado cronista.

Diante de tais reflexões, percebe-se uma grande diferença em relação ao conto ou a qualquer outro gênero literário, que aparenta não sofrer tais limitações. Outro fator de cisão importante, como já relatado como aparente semelhança, seria o tamanho: o tamanho do conto é proposital à narrativa que esteticamente necessita atingir em poucas linhas seu clímax, já a crônica limita-se a um espaço menor por dividir, no jornal, tal espaço com notícias e outras matérias de assuntos similares ou diversos. O tempo também é outro fator determinante. Assim como os outros gêneros citados, a produção e a publicação do conto proporcionam tempo livre à vontade para aquele que o escreve, enquanto o cronista que divulga seus textos nos periódicos não dispõe de tanto tempo para uma elaboração dispendiosa e pausada. Ela deve obedecer à temporalidade do veículo que a divulga, seja ele o jornal, ou mesmo, atualmente, a revista, o site de notícias, o blog de opiniões, entre outros. Além desse tempo restrito de produção, a crônica também conta com outras restrições, como a temática, afinal, o cronista deve relatar sua opinião sobre fatos que se modificam rapidamente: o cotidiano, conflitos armados, reviravoltas políticas,

competições esportivas etc. A informação transmitida é filtrada pelo posicionamento daquele que escreve.

Esse espaço e tempo reduzidos e a temática pré-estabelecida determinam, entre outros fatores apontados, a habilidade do cronista. Determinam o valor da crônica. Angélica Soares (2006, p. 64) explica que a crônica é um gênero inevitavelmente ligado ao tempo ou melhor, ao tempo dele; como sugerem as origens de seu próprio nome, crônica deriva de *chrónos*, do grego, que significa tempo. Seria um registro que está marcado pelo tom circunstancial do gênero que registra o imaginário coletivo nas suas mais diversas manifestações cotidianas.

Apesar das limitações já mencionadas, o cronista tem certa liberdade ao lidar com texto dele, principalmente, quando dá ênfase à capacidade literária dele. Tal versatilidade acaba por ser sua primazia, pois ainda que trate de fragmentos de opiniões, a crônica nunca se propõe a registrar a totalidade do ocorrido, mas sim a dar qualidade e facilidade na exposição de determinada opinião emitida pelo cronista que a constrói.

É certo que um gênero tão complexo como a crônica ainda vai passar por várias modificações; desdobrar-se sobre suas incoerências e coincidências, certamente, é tarefa para aqueles que observam com perspicácia, e deixam instantes de seu tempo aprisionados para os leitores de agora e do amanhã: como quadros, ou fotografias, que revelam o passado que se insinua no presente e futuro.

### **2.3 O futebol: um problema?**

Embora, atualmente, possa ser percebido como um elemento intrínseco da cultura popular brasileira e de diversas nações latino-americanas, é fato que o futebol não é um esporte originário do Brasil ou de qualquer outro país americano. A história do desenvolvimento do futebol brasileiro não é muito diferente da de outros países sul-americanos, aonde o esporte chegou vindo da Europa. O processo de introdução e difusão do esporte vai ocorrer de uma maneira complexa, ainda que similar, de início, em muitos desses países.

O futebol foi levado da Inglaterra para o mundo num momento em que os países sul-americanos, como o Brasil, o Uruguai e a Argentina, já possuíam acordos com a Coroa Britânica, desde a Guerra do Paraguai, período em que o Brasil Império e as jovens repúblicas da Argentina e do Uruguai tiveram apoio financeiro do

Reino Unido no maior conflito latino-americano até então ocorrido. Tal débito acarretou laços comerciais que prevaleceram nas décadas posteriores.

O imperialismo britânico anexava territórios e expandia tais laços comerciais em diversas partes do mundo, principalmente, nas colônias africanas e asiáticas e nas jovens repúblicas americanas. O Reino Unido era a grande potência mundial daquele período, de forma que, não apenas relações comerciais se estabeleciam, mas também culturais. A cultura britânica se difundia nas demais sociedades, diretamente, no que diz respeito ao trato colonial, ou indiretamente, no âmbito de acordos comerciais. Além da língua, os costumes ingleses também eram levados a tais povos. De importância para o presente estudo é a propagação do futebol, enquanto prática cultural de origem inglesa para vários países e, em particular, para o Brasil. Sobre a popularização do esporte na Inglaterra, Hilário França Jr. observa:

E desde as primeiras décadas de existência, multidões crescentes interessavam-se pelo novo esporte. Projetou-se então um grande estádio em Wembley, cuja construção dava indícios do papel que se imaginava iria caber ao futebol. Primeiro, a localização escolhida, nos arredores de Londres, foi a mesma onde seria erguida no ano seguinte a Exposição do Império Britânico. Segundo, ele foi levantado em apenas trezentos dias de trabalho, bem de acordo com o ritmo da nova sociedade industrial. (FRANÇA JR, 2007, p. 167)

Os ingleses, comerciantes e funcionários de grandes fábricas, na maioria das vezes, levavam-no consigo aos países com os quais mantinham relações econômicas, praticando-o como forma de expor e assegurar a cultura britânica. Durante a expansão imperial, o esporte era mais um produto sujeito à exportação, tão genuinamente britânico como os tecidos vindos de Manchester, as linhas ferroviárias e os empréstimos do grupo bancário Barings ou mesmo a doutrina de livre comércio (GALEANO, 2009, p. 35). Sobre afirmação semelhante Hilário França Jr. Concebe que:

À medida que o futebol caía no gosto popular, foi se acelerando sua utilização como instrumento político. De início a política informal, com industriais de pequenas cidades inglesas apoiando financeiramente os times de suas fábricas para reforçar seu prestígio social e ganhar o reconhecimento de seus trabalhadores. Depois, cada vez mais, a política institucional penetrou no mundo do futebol. E vice-versa. Qualquer que seja o sistema em vigor na sociedade. Políticos de todos os matizes perceberam

a imensa capacidade que ele tem de mobilizar sentimentos coletivos, sejam eles grupais, regionais ou nacionais. (FRANÇA JR. 2007, p.168)

Antes de chegar ao Brasil, o *football* já tinha feito suas aparições no Uruguai e na Argentina. Eduardo Galeano (2009) postula que, no mesmo ano da Proclamação da República no Brasil, ocorreu a disputa da primeira partida de futebol no Uruguai, em que o confronto se deu entre os trabalhadores ingleses de Montevideu e os de Buenos Aires, diante de um grande retrato da Rainha da Inglaterra. Imagem similar se repetiu no Brasil, onde o confronto ocorreu entre os súditos britânicos da Gás Company e da São Paulo Railway. Se verifica posteriormente, portanto, que o futebol passou por dois momentos de assimilação no Brasil: o primeiro em sua chegada com os integrantes da elite britânica em solo brasileiro; e um segundo momento, em que se torna um esporte com o qual as camadas operárias e de pessoas marginalizadas socialmente se identificariam com ele.

Além das exibições iniciais dos súditos reais da coroa britânica, Leonardo Affonso Pereira (2000) aponta os brasileiros Charles Miller e Oscar Cox como os introdutores do futebol no Brasil. O jovem Miller, provavelmente, teria apresentado o esporte a colegas e amigos do seu círculo social elitizado, poucos anos antes das primeiras exibições de Cox, mas ambos tiveram uma contribuição generosa na difusão inicial do esporte bretão. Ambos eram jovens que haviam estudado na Europa e de lá trouxeram o gosto pelo esporte. Os nomes estrangeiros dos rapazes ressaltam o modelo pretendido por suas famílias:

Muller (*sic*) e Cox. Ambos jovens que, apesar dos nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil; ambos, filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base de uma educação que não poderiam ter em seu país de origem, trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições. [...] Ao eleger como marcos iniciais do futebol no Brasil figuras como Charles Muller (*sic*) e Oscar Cox, memorialistas e historiadores participaram do processo de criação de uma memória do futebol brasileiro que, no fundo, nada tinha de original: vendo nos seus primeiros tempos da jovem República, que lhe atribui uma marca oligárquica e excludente. (PEREIRA, 2000, p. 22)

De início, percebe-se que o futebol é uma prática estrangeira que é descoberta pouco a pouco pela elite brasileira que tinha contato direto com os comerciantes estrangeiros. Todavia, mesmo na Grã-Bretanha, a prática possuía

suas próprias problemáticas históricas, que advinham das raízes populares bretãs. Como pontua José Miguel Wisnik,

[p]ode-se ver a invenção inglesa como uma reversão modernizante dos antigos jogos semi-rituais e populares em que se disputavam bola e território com os pés e com as mãos – embora a linha de continuidade não seja nítida, nem propriamente necessária como critério. (WISNIK, 2008, p. 87)

Antes de sua afirmação e sistematização na Inglaterra, o jogo passara por uma diversidade de discussões que o colocavam em patamares inferiores às outras práticas. Segundo José Miguel Wisnik, a origem popular e suas particularidades, de certa maneira, o inferiorizava na visão da elite inglesa:

O futebol configurou um novo lugar, distinto tanto das práticas aristocráticas que desdenhavam o contato físico entre adversários ou o contato direto com a bola (manipulada com bastão no caso do críquete), quanto das práticas populares que cultuavam o embate engalfinhado entre oponentes animais ou humanos. (WISNIK, 2008, p. 88)

Ainda que partisse desta origem antagônica na cultura inglesa, no início de sua chegada e adoção em terras brasileiras, o futebol ainda estava associado à tradição inglesa e, de certo modo, às elites locais que admiravam a cultura europeia:

Diante disso, poderíamos dizer que a difusão do futebol expressava uma outra face do afamado imperialismo britânico, aparecendo para muitos como um elemento de descaracterização das culturas e tradições locais... [...] ... o futebol aparecia como uma espécie de celebração da identidade bretã. (PEREIRA, 2000, p. 27)

Seguindo os passos de Charles Miller e Oscar Cox, há de se notar também o modismo europeu trazido por muitos jovens das elites cariocas que se tornou um importante fator no desenvolvimento do esporte na capital, que tem seus sentidos apropriados por este grupo, diferente da popularização entre a massa operária inglesa. Jogar *football* era, na visão daqueles jovens abastados que o praticavam,

uma forma de estar incluso na cultura europeia – modelo de modernidade<sup>2</sup> e civilização para muitos membros da elite brasileira na época:

[p]alco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade. (PEREIRA, 2000, p. 31)

Além de espaços restritos aos círculos abastados, os ricos moradores da capital federal, principalmente os mais jovens na época, precisavam sentir-se em conformidade com os padrões considerados desenvolvidos, mesmo que pertencessem a um país subdesenvolvido. O molde a ser seguido deveria ser o das maiores nações europeias, dentre elas, o Reino Unido da Grã-Bretanha, aliado comercial do Brasil. Assim, os primeiros passos do esporte, na capital da República, se deram com os ingleses que praticavam futebol em terras brasileiras, seguidos pela jovem elite oligárquica, que adquiriu gosto pelo esporte, pretendendo se firmar no panorama de modernidade europeu, em que o *football* era visto como prática comum, trazida da Europa, onde boa parte desses jovens abastados estudava. Logo esses grupos iniciais começam a fundar os primeiros clubes, alguns deles em atividade até hoje, como o Fluminense:

Escolhidos por convite, os vinte jovens reunidos no dia 21 de julho de 1902 no prédio da rua Marquês de Abrantes nº 21 – residência de Horácio da Costa Santos, um dos jogadores – ouviram da boca de Oscar Cox a defesa da necessidade de formação de seu próprio clube. Com unanimidade de votos, foi então fundado o Fluminense Football, sendo Cox escolhido seu primeiro presidente. Trataram logo de formar duas comissões, uma para arranjar um terreno para a prática do jogo e outra para a redação dos estatutos. Formado, segundo um dos presentes, por “rapazes da nossa melhor sociedade, quase todos educados em colégios da Inglaterra”, o clube começava então o processo de consolidação do futebol entre a juventude carioca. Embora contasse com a presença de alguns estrangeiros, ele era composto basicamente de jovens brasileiros que, de olho nas novidades que conheciam na Europa, tentavam criar no Rio de Janeiro um espaço onde pudessem manter os novos hábitos adquiridos no exterior. (PEREIRA, 2000, p. 28)

---

<sup>2</sup> A discussão sobre Modernismo, Moderno e Modernidade terá maior ênfase no capítulo seguinte.

Percebe-se, aos poucos, que a presença de jogadores ingleses no esporte em solo nacional começava a diminuir, à medida que mais e mais brasileiros começaram a praticá-lo. Ainda que, até esse momento, o esporte estivesse restrito às elites, a difusão começou a aumentar, chegando a ser praticado por jovens não tão abastados.

Embora alguns estrangeiros se mantivessem nos clubes, não iria demorar até que comesçassem a surgir propostas de fundação de clubes compostos somente de brasileiros, obviamente, restritos à determinada classe social elitizada, como se pode perceber no caso da fundação do Botafogo Foot-ball Club, de iniciativa de Flávio Ramos e Emmanuel Sodré. Os dois eram jovens ricos da cidade do Rio de Janeiro, que começaram a se entusiasmar pelo esporte e não demoraram a praticá-lo. A proposta surgiu ao assistir as partidas que já eram realizadas entre as equipes compostas somente por ingleses ou, ou aquelas mistas:

No dia seguinte, no bonde que os levava ao colégio, Flávio – impressionado com o novo esporte e influenciado pelo desafio que opusera brasileiros e ingleses – propõe ao companheiro a fundação de um “club de foot-ball” de origem puramente brasileira. (PEREIRA, 2000, p. 33)

Além da necessidade de criação de uma equipe “puramente brasileira” em contraposição às equipes originalmente formadas por ingleses, outras exigências, surgidas de outras instituições sociais, acabaram levando à disseminação e ao aumento dessa prática esportiva. O desenvolvimento de ideais higienistas daquele período, associadas à admiração por uma feição atlética da jovem elite local, foi uma delas:

Os clubes de futebol não eram, certamente, os únicos a se desenvolver no Rio de Janeiro. Sem ser um fato isolado, sua proliferação na cidade vinha a reboque de um amplo processo iniciado ainda em meados do século XIX, que assumia nos primeiros anos da República uma intensidade ainda maior: o fortalecimento das teorias higiênicas, que ganhavam enorme difusão, assumindo o caráter de uma disseminada e abrangente ideologia. [...] Dentro desse impulso geral, que vinha pelo menos desde os tempos do Segundo Reinado, um objetivo particular ia assumindo, para os médicos dos primeiros anos do século, uma importância especial: a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça. (PEREIRA, 2000, p. 42)

Os respaldos oferecidos pelas autoridades médicas iam ao encontro das pretensões elitistas juvenis. O esporte, que se tornava cada vez mais popular, “a mania trazida da Europa”, naquele momento, era também uma ferramenta utilíssima de regeneração da higiene da sociedade brasileira.

[d]e proposta médica para a sociedade, a higiene convertia-se em meio de legitimação da identidade construída por esses rapazes que se juntavam nos clubes de *foot-ball*, tentando firmar para si o papel de salvadores da nação, patrocinadores de uma luta que teria como objetivo a regeneração do próprio país. (PEREIRA, 2000, p. 55)

É de se imaginar que nem todos concordassem com essas afirmações ou mesmo fossem “contagiados” por tais novidades. Desse modo, os jornais da época se tornaram um importante veículo para que pudessem expor seu descontentamento. Como os jornais eram os principais meios de comunicação, eles publicavam as notícias e opiniões sobre a “nova mania” que se instaurava, o que provocava a indignação de alguns que consideravam que o esporte estava pondo de lado assuntos tidos como mais importantes, como a política nacional e os rumos socioculturais do país. Assim, muitas vezes, o futebol, em particular, e os esportes em geral, eram alvos de aversão por parte de alguns cronistas da época que, além de menosprezá-los, depreciavam as atividades físicas:

Acostumadas a ver no exercício físico uma atividade degradante e indigna, as camadas letradas brasileiras insistiam em sua desconfiança em relação aos exercícios ginásticos – atividades que não mereciam sua atenção. (PEREIRA, 2000, p. 42)

Ainda que um tanto dramática, a afirmação de Galeano (2009) serve para entender um grupo que começou a se incomodar com a difusão do “fidalgo esporte”: “Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais”. (GALEANO, 2009, p. 40). Certamente, muitos foram os homens de letras do período que se incomodaram com a difusão acelerada da prática esportiva até então pouco conhecida. No entanto, os editores, de olho no sucesso do esporte, publicavam obras a respeito. Esse foi o caso da Editora Garnier, conhecida pela publicação de várias obras literárias, dentre elas as de Machado de Assis, já respeitado escritor da

época, que publicou um manual de prática do *football*, obra até o momento só conhecida no idioma francês.

Em meio a esse movimento, um autor francês tornava-se, cada vez mais, uma referência obrigatória para os defensores do jogo: E. Weber, com seu *Sports atléticos* – livro que, ensinando os princípios e as técnicas de diferentes esportes de origem inglesa, como o *hockey*, o *lawn-tennis* e o *foot-ball*, passou a ser uma espécie de bíblia para os esportistas cariocas, sendo citado com frequência pelos grandes jornais, no intuito de delimitar com mais clareza as regras e técnicas do jogo.

A referência constante da crônica esportiva à obra de Weber fez com que ela logo ganhasse uma versão em português. Publicada originalmente na França em 1905, ela já em 1907 era editada no Brasil pela editora Garnier. Seu grande êxito editorial faria com que, em 1910, ela já estivesse em sua nona edição no Brasil. (PEREIRA, 2000, p. 37)

A “febre” do futebol logo havia encontrado seus adversários. Carmem Dolores, cronista conhecida, que publicava semanalmente no jornal *O Paiz*, foi uma das primeiras a expor, em 1905, um pensamento contrário a todo esse efusivo entusiasmo que se disseminava sobre as práticas esportivas em geral, naquele momento, incentivadas principalmente pelo futebol:

Não, nunca entre nós se apregooou tanto o prestígio brutal da força muscular.

Chega a ser humilhante para os intelectuais, que muito geralmente têm mais cérebro que pulso.

Mas, em que pese aos senhores entusiásticos das lutas romanas e às admiradoras neuropáticas de um bíceps em violento relevo, confesso que eu acho simplesmente repulsivo um homem que luta, congestionado, suado, bestializado, as mãos sujas e escorregadias, o tórax arquejando como um *folle*, as pernas retesadas, os largos pés espalmados – todo ele um animal bruto e furioso [...]. (DOLORES *apud* PEREIRA, 2000, p. 48)

Por mais que as afirmações da cronista atestem o reconhecimento público que os esportistas estavam adquirindo, expõem sua repulsa ao culto à força física. Para ela e para outros de seu círculo, as práticas esportivas não ajudavam em nada o desenvolvimento do intelecto e, pior, representavam um desprestígio à classe erudita e intelectual do período.

Apesar das reservas ao esporte, como a de Carmem Dolores, a prática esportiva se expandia com velocidade pela sociedade da época. Não restava muita

alternativa a outros intelectuais a não ser se posicionar sobre o assunto. Assim, surgiram outras opiniões, não antagônicas. Alguns não faziam ressalvas com relação ao seu desenvolvimento, pelo contrário, o aplaudiam, vendo nele alguma utilidade. Um deles foi Olavo Bilac, afamado poeta parnasiano e membro da Academia Brasileira de Letras, conforme assinala Leonardo Pereira:

E para a maior parte dos colegas de ofício de Dolores, como Olavo Bilac, o fenômeno era bem mais do que uma fatalidade. O crescente “entusiasmo que os *sports* despertam” na juventude do período aparecia para o já consagrado poeta como a prova de que “temos consciência do depauperamento da espécie e do perigo que ela corre”. Ele saudava por isso a “religião do exercício”, que retardava a “inevitável catástrofe” da degeneração física da humanidade. [...] Por ver no exercício físico uma causa nobre pela qual se devia lutar, Bilac acaba por saudar o surgimento desses *sportmen*, aplaudindo “a mania do *sport*”. (PEREIRA, 2000, p. 49-50)

Os posicionamentos de Olavo Bilac, inicialmente contrários e posteriormente favoráveis, vão ao encontro dos de Paulo Barreto, conhecido pelo pseudônimo de João do Rio, jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo do período:

Mesmo literatos como Olavo Bilac, embora tentassem tratar de outros assuntos em suas crônicas, afirmando que ‘uma partida de *foot-ball* não pode sustar o curso da história’, reconheciam que o interesse pelos jogos internacionais dominava a cidade. ‘Há dous dias não se fala em outra coisa’, concordava Paulo Barreto, afirmando que ‘não se encontra uma pessoa sem ouvi-la falar do *match* de *foot-ball* entre argentinos e paulistas’, fosse nos círculos das senhoritas elegantes, entre industriais ou em meio a um ‘*club* de baccarat e de roleta’. ‘Sejamos rápidos e leves, para que o leitor não chegue atrasado ou aborrecido ao *ground*’, resignava-se Bilac – que nesse mesmo dia estaria presente às arquibancadas do Paysandu torcendo pelos brasileiros. (PEREIRA, 2000, p. 103)

Conforme o demonstra Pereira (2000), a reação de Olavo Bilac e Paulo Barreto, nos papéis de cronistas, pelo alvoroço que se encontrava a cidade do Rio de Janeiro, às vésperas de um jogo de ‘*foot-ball*’ entre a seleção paulista e a seleção da Argentina não era dos piores. Ainda que, de certa maneira resistentes, de início, os cronistas acabaram abrindo espaço para a “febre” que se instalava, naquele momento, entre os habitantes da capital da República. Todavia, nem todos se deixavam levar tão facilmente pela empolgação geral. Lima Barreto também reagira quanto à mania que tomava a atenção nos jornais:

Nunca foi do meu gosto o que chamam Sport, esporte ou desporto, mas quando passo longos dias em casa, dá-me na cisma, devido certamente à reclusão a que me imponho voluntariamente, ler notícias esportivas, pois leio os jornais de cabo a rabo.

Nestes últimos dias, todas as notícias sobre um encontro entre jogadores de futebol daqui e de São Paulo não me escaparam. Em começo, quando toparam meus olhos com os títulos espalhafatosos, sorri de mim para mim, pensando: estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca coisa? [...] (BARRETO *apud* ROSSO, 2010, p. 61)

Apesar das reações iniciais de alguns cronistas, a dita “febre” se justificava. O esporte estrangeiro, marca de elitismo e de higienização social, estava penetrando rapidamente entre as camadas populares e adquirindo novos significados. Inicialmente restritas a observar de longe a prática esportiva, as camadas sociais ditas “inferiores” começavam a praticá-lo, fossem operários de grandes fábricas, fossem militares detentores de patentes inferiores. Tal acontecimento gerou problemas nos primeiros campeonatos realizados, como boicotes ou proibições a jogadores e clubes formados com bases mais humildes. Houve, inicialmente, proibições à participação de negros, mulatos e brancos pobres, passando por exclusão de clubes que tivessem trabalhadores de ofícios considerados não tão dignos pela alta sociedade carioca. Esse processo é perceptível nas palavras de Alberto Silves, segundo-secretário da Liga Metropolitana carioca:

De modo que nós que freqüentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazendo a barba no salão naval, jantamos na rotisserie, freqüentamos as conferências literárias, vamos ao *five o'clock*; mas quando nos resolvemos a praticar *sport* entramos para o Icaraí, *club* distinto filiado à 3ª divisão da Liga Metropolitana, somos obrigados a jogar com um operário, limador, com um corrierio [sic], mecânico, *chauffeur* e profissões outras que absolutamente não estão em relação ao meio onde vivemos. Nesse caso a prática do *sport* torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão. (SILVARES *apud* PEREIRA, 2000, p. 115)

Eram as primeiras décadas da Abolição da Escravatura e da República, a sociedade elitista ainda resguardava resquícios fortes, ainda guarda, de um posicionamento excludente e escravocrata. Houve diversas tentativas de segregação, como a de Alberto Silves que, em agosto de 1913, enviou uma circular para os clubes filiados à Liga Metropolitana carioca para que cumprissem o regulamento quanto à profissão de seus jogadores: que não poderiam ser “de

baixo”. Tais atos funcionaram por alguns curtos períodos; não demoraram a aparecer jogadores de tipos tidos como inferiores – principalmente negros e mulatos pobres – que começaram a se destacar nos jogos, sendo conduzidos a um regime de semi-profissionalismo. Obviamente, pode-se enfatizar que a “segregação racial” ou étnica no futebol brasileiro ainda ocorre, muitas vezes, de maneira violenta, a grande transformação está na perspectiva da maior parte dos adeptos do esporte: se antes ocorreram tentativas formais para implementação de divisões entre os “tipos” de jogadores, hoje, os atos de racismo, ou classismo, são veementemente criticados por seguidores do esporte: a mídia, os críticos, os literatos etc.; em sua maioria. Não são raros os que reconhecem, na diversidade e mistura da composição social brasileira, grande mérito dos jogadores advindos de grupos marginalizados ou discriminados. Suas habilidades foram consideradas, anos depois, como as mais intrinsecamente brasileiras, diferente daquelas demonstradas por jovens ricos que trouxeram o esporte da Inglaterra, como observa Eduardo Galeano sobre a incorporação do “estilo brasileiro” ao futebol:

Simultaneamente, o futebol se tropicalizava no Rio de Janeiro e em São Paulo. Eram pobres que o enriqueciam, enquanto o expropriavam. Este esporte estrangeiro se fazia brasileiro, na medida em que deixava de ser o privilégio de uns poucos jovens acomodados, que jogavam copiando, e era fecundado pela energia do povo que o descobria. E assim nascia o futebol mais bonito do mundo, feito de jogo de cintura, ondulações de corpo e vôos de pernas que vinham da capoeira, dança guerreira dos escravos negros, e dos bailes alegres dos arredores das grandes cidades. (GALEANO, 2009, p. 39)

Apesar da percepção atual de Eduardo Galeano quanto à transformação do futebol brasileiro, atribuindo-lhe sentidos patrióticos ao associá-lo à arte marcial da capoeira, na época, outros sentidos eram atribuídos ao jogo, como se pôde observar em alguns pontos de vista favoráveis ao esporte que ganhavam força entre alguns intelectuais brasileiros. O literato Arthur Azevedo, irmão mais velho do escritor Aluísio Azevedo, e estimado jornalista do período, era um dos que associava a presença do esporte aos conceitos apregoados pelos jovens precursores do futebol no Brasil.

Atraindo o interesse do *high-life* carioca, o futebol conquistava novos adeptos entre os círculos letrados, como o escritor Arthur Azevedo:

assistindo em 1907 pela primeira vez a uma partida de futebol, afirmava ter passado “uma hora divertidíssima”, empolgando-se com a “arquibancada elegante” e com a presença no estádio de “muita gente, muita, e da melhor”. [...] Ao comentar a presença nos estádios desses novos adeptos, os cronistas esportivos saudavam então “os distintos *sportmen*” que teriam conseguido fazer desse jogo “higiênico e salutar” o “esporte predileto da nossa mocidade”. (PEREIRA, 2000, p. 75)

De forma diferenciada ao posicionamento de Arthur Azevedo e já evidenciando os sentidos modificados que o futebol estava assumindo, João do Rio expôs sua estranheza com relação às manifestações que o futebol trazia à , que estimava tal modalidade. Durante os jogos realizados contra o selecionado argentino, em julho de 1908, algo até então incomum começava a se manifestar no posicionamento dos cronistas, associando o esporte ao patriotismo. É o que sugere a opinião de João do Rio sobre o futebol:

Estarei eu em vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo por quê? Patriotismo limitado a um campo de foot-ball? Entretanto é verdade[...] E do desânimo eu caio na ansiedade à espera que nós – “nós” – vençamos no campo do Paissandu. (BARRETO *apud* PEREIRA, 2000, p. 105)

Percebe-se como João do Rio relaciona o esporte a um provável motivo para a existência de emoções por orgulho pátrio. De maneira semelhante, outros escritores atribuíam outros significados que fossem ao encontro de uma concepção mais positiva para aquela prática que se disseminava em várias partes do mundo. Até mesmo intelectuais estrangeiros do mesmo período apresentavam concepções similares, como é o caso de Antonio Gramsci, cientista político e comunista italiano, como assinala Galeano:

Naqueles primeiros anos do século, não faltaram intelectuais de esquerda que celebraram o futebol, em vez de repudiá-lo como anestesia da consciência. Entre eles, o marxista italiano Antonio Gramsci, que elogiou ‘este reino da lealdade humana exercida ao ar livre’. (GALEANO, 2009, p. 42)

Diferente de Gramsci, e mais explicitamente de João do Rio, alguns escritores da primeira metade do século XX não atribuíam tamanhas virtudes ao futebol.

Podem-se enfatizar dois exemplos claros para se realizar ponderações: Lima Barreto e Graciliano Ramos.

Diabo! A cousa é assim tão séria? Pois um divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor? [...] Reatei a leitura, dizendo cá com os meus botões: isto é exceção, pois não acredito que um jogo de bola e, sobretudo, jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios. Mas, não senhor! A cousa era a sério e o narrador da partida, mais adiante, já falava em armas [...] Não conheço os antecedentes da questão; não quero mesmo conhecê-lo; mas não vá acontecer que simples disputas de um inocente divertimento causem tamanhas desinteligências entre as partes que venham a envolver os neutros ou mesmo os indiferentes, como eu, que sou carioca, mas não entendo de *foot-ball*. (BARRETO *apud* PEREIRA, 2000, p. 215)

Quanto mais sentidos diferentes se atribuíam ao jogo, mais rivalidades e desentendimentos surgiam. Lima Barreto criticava o furor causado pelo jogo. Discussões e brigas que ocupavam espaços em jornais e diminuía observações sobre a política ou mesmo sobre a Literatura. Na opinião de Lima Barreto, a incoerência estava em um divertimento que arrebatava emoções exageradas ao ponto de transformar-se, no fato apresentado, em cólera.

É claro que seus posicionamentos encontraram opositores, dentre eles um dos mais destacáveis foi Coelho Neto, escritor e político, também conhecido por escrever um dos primeiros hinos do Fluminense, clube do qual fazia parte, que abertamente se colocava a favor do esporte, atribuindo-lhe sentidos disciplinadores, até militares, como expôs no discurso de inauguração da piscina de seu clube de preferência em janeiro de 1919:

A solenidade que aqui nos reúne e para a qual foram convocados os poderes do Céu e da Terra e o mar, é de tanta magnitude que a não podemos avaliar senão rastreando através das sombras do tempo e sua projeção no futuro. [...] Saímos de uma longa e trágica demonstração do valor da saúde: a grande guerra. [...] O atleta, assim como reforça e adentra, submete o espírito ao regime. O empenho de vencer fá-lo sóbrio e comedido; o domínio de si mesmo educa-lhe a vontade; a confiança no seu valor dá-lhe a serenidade; o hábito da vida em comum torna-o sociável; o esforço regular e contínuo acera-lhe a resistência, como o fogo também o aço, e o entusiasmo com que se bate pelo pavilhão do seu clube, sublima-se, mais tarde, no culto da bandeira. (COELHO NETO *apud* ROSSO, 2010, p. 69)

As defesas expostas por Coelho Neto, utilizando, muitas vezes, de seu prestígio literário, incomodavam Lima Barreto. Ele não concordava que um literato se prestasse ao serviço de enaltecer tal esporte, que, além do discurso de inauguração da piscina do clube, também compôs o hino da agremiação. E reagia de forma explícita às atuações de Coelho Neto:

É doloroso a quem, como eu, sabe as grandes dificuldades que cercam um escritor no Brasil vir publicamente tratar sem grande deferência um homem como o senhor Coelho Neto, cuja notoriedade tem sido feita através da arte escrita. [...] O senhor Coelho Neto esqueceu-se da dignidade do seu nome, da grandeza de sua missão de homem de letras, para ir discursar em semelhante futilidade. Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma coisa de letras e tal faziam, eram os histriões; estes nunca se sentaram nas sociedades sábias. (BARRETO *apud* ROSSO, 2010, p. 73)

O cronista Lima Barreto expõe claramente o papel da arte como distinta de propósitos dos quais ele julga banais. Expondo certo “elitismo artístico” em suas opiniões, para o cronista, a Arte não poderia se aproximar da “futilidade”, o que diminuiria o reconhecimento alcançado por Coelho Neto, comparando-o a um “histrião”, exagerado, ou mesmo ao entretenimento de classes abastadas, visto que o Fluminense, clube do qual Coelho Neto era sócio, fazia parte da elite carioca daquele período.

Percebe-se que aquele momento da história do futebol no Brasil foi marcado por uma relação conturbada com a Literatura, a se pautar pelas opiniões negativas de alguns homens de Letras com relação ao esporte, o que não interferiu na disseminação do esporte como um fenômeno cultural latente no Brasil. Se Coelho Neto estava pondo-se ao lado do esporte, de forma similar a Lima Barreto, Graciliano Ramos, jornalista e escritor ainda não tão conhecido, menosprezava o *foot-ball*, veementemente, como se este fosse instrumento de diminuição da Cultura brasileira, conforme o observa Sander:

No entanto, naquele início de 1919, quando se entrava na reta final dos preparativos para a realização do Sul-Americano, com o estádio das Laranjeiras recebendo os últimos retoques para o início da festa, o futebol ainda era visto por muitos como um elemento estranho a nossa cultura. E era gente de peso que achava isso. O escritor Graciliano Ramos, por exemplo, afirmava que no Brasil

‘estrangeirismos não entravam facilmente’. O futebol, o boxe, o turfe, nada, para Graciliano, pegava. (SANDER, 2009, p. 21).

Os torneios internacionais tiveram grande importância na difusão de sentidos patrióticos ao futebol, especialmente o Campeonato Sul-Americano de 1919, o primeiro título internacional vencido pelo Brasil. Mesmo distante do grandioso acontecimento que de fato arrebatou a população da capital carioca, Graciliano Ramos continuava a questionar o caráter estrangeiro do jogo: “Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo?” (RAMOS *apud* PEREIRA, 2000, p. 304).

Apesar das críticas apontadas anteriormente, que podem seguir discursos variados, como algo fútil apontado por Lima Barreto ou estrangeiro como exposto por Graciliano Ramos, o futebol continuaria sendo difundido e praticado não somente no Rio Janeiro e São Paulo, mas também em outras partes do Brasil, onde mais e mais clubes eram fundados, como por exemplo: o Paysandu Sport Club, em Belém, o Ceará Sporting Club, em Fortaleza, o Santa Cruz Futebol Clube, em Recife, todos de 1914, a Sociedade Esportiva Palestra Itália, atual Cruzeiro, de Belo Horizonte em 1921, entre outros.

Essa difusão não ocorreu sem um fator determinante. Cabe enfatizar o papel que os jornais, principais meios de comunicação da época, tiveram na divulgação do futebol em várias partes do território nacional. Como o assinala Leonardo Affonso Pereira, foi o jornal que permitiu, nas décadas posteriores, que se criassem sentidos que identificasse o esporte à comunidade a qual se relaciona, a exemplo da crônica de Mário Filho, irmão mais velho do escritor Nelson Rodrigues:

Constituindo-se como um eficaz meio de comunicação entre esses grupos, ele mostrava-se capaz de articular diferenças e identidades, assumindo papel central na vida carioca das primeiras décadas do século – o que permitiria que, nos anos seguintes, autores como Mário Filho tentasse fazer da capital da República uma vitrine para a tentativa de construção, através do jogo, de uma imagem harmônica e coesa do país. (PEREIRA, 2000, p. 16)

Marcelino Rodrigues da Silva atribui ao cronista a função de aproximar o esporte da massa, quando as vitórias brasileiras começaram a surgir e ídolos populares passaram a ser exaltados, e mais, posteriormente, gerar polêmica, sobre

contratos e negociações. Caso singular, relatado pelo irmão mais velho de Nelson Rodrigues, fora o de Leônidas da Silva:

O caso da ida de Leônidas (...) para a Espanha preocupou e ainda preocupa a atenção pública. Formaram-se, a respeito, verdadeiras lendas; fizeram-se as afirmações mais temerárias [...] Em suma: em torno do caso contaram-se histórias dignas das Mil e uma noites. Enquanto se decidia, assim, com a maior sem cerimônia o destino de Leônidas e até se marcava data para sua partida, ele era o único que ignorava o fato propaladíssimo. Imagine-se, pois, o assombro que experimentava, todas as manhãs, ao ler a notícia de seu embarque e todos os boatos que circulavam. (RODRIGUES FILHO *apud* SILVA, 2006, p. 128)

Tal qual Leônidas da Silva, jogador negro, que participou da primeira Copa do Mundo em 1930, ou Artur Friedenreich, mulato, estrela do time vencedor do Campeonato Sul-Americano de 1919, o cronista assume um papel determinante para a imagem que se cria em torno do jogador; do *crack*, ou ídolo:

Dirigindo o foco de suas atenções para jogadores mais humildes e humanizando-os pela exposição de suas origens sociais, sofrimentos e desejos de ascensão social, o jornal os transformava em um espelho do público, que passava a projetar nele seus próprios dilemas e aspirações. (SILVA, 2006, p. 130)

A diversificação dos significados que o futebol assumiu, após os diversos conflitos que o configuraram de início, é tida como a principal responsável pela identificação e difusão do esporte para além de uma classe ou de uma única região no Brasil. Ocorre uma segunda apropriação de sentidos a partir do momento em que grupos, até então, postos de lado dos clubes fechados, conseguem pouco a pouco ganhar espaço.

Passível de assumir variados significados para cada um de seus praticantes, de acordo com o momento em que sobre ele se debruçavam – identidade de classe, legitimidade de tradições, simbolismo nacional etc. – o futebol se prestava a múltiplas apropriações, estando aí um dos segredos de seu grande sucesso. (PEREIRA, 2000, p. 275)

Pouco mais de duas décadas depois da instauração das bases percebidas, quando os diversos sentidos atribuídos ao futebol estavam ainda se desenvolvendo,

será o momento em que Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues iniciariam suas produções literárias nos mais diversos campos.

O estranhamento em relacionar a Literatura ao futebol não é incomum. Ainda que existam as mais diversas pesquisas em torno do tema, não é raro encontrar opiniões advindas de intelectuais que reforçam tal separação. Como é exposto por Theodor Adorno (1993, p. 101) que a consciência, mediante o “desencantamento” da realidade, se liberta do “estremecimento” do passado, a reproduzir-se de maneira permanente no “antagonismo histórico de sujeito e objecto.” Neste caso, o sujeito representa-se pela classe intelectual, notoriamente composta por membros da elite, e o objeto, pelo futebol, e sua representação nas mais diversas formas, como fenômeno de estudo. No início do século XX, muitos escritores como Olavo Bilac, Paulo Barreto, Coelho Neto, Lima Barreto e Graciliano Ramos trataram do futebol, em seus mais diversos sentidos ou propósitos, em suas crônicas. Na segunda metade do século XX, essa produção continuará ocorrendo.

Ao trabalhar diretamente com o estudo de crônicas esportivas em *Mil e uma noites de futebol* (2006), Marcelino Rodrigues da Silva atribui à imprensa esportiva atuações essenciais na elaboração dos sentidos que o futebol vai assumindo rapidamente nos grandes centros populacionais, nas mais diversas partes do país. O posicionamento do estudioso, sobre os estudos a respeito dos sentidos que o futebol pode assumir, propõe que há dois fortes sentidos que sobressaem: a sacralização do esporte, como meio de afirmação de uma comunidade ou grupo específico, e são os discursos que constroem os símbolos mais latentes. A cristalização desses sentidos está diversas vezes relacionada a espetáculos esportivos amplamente divulgados e comentados em crônicas esportivas expressas muitas vezes nos periódicos da época.

A partir das considerações anteriores, selecionamos para análise e discussão, no terceiro capítulo, as crônicas escritas por Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade sobre futebol que foram elaboradas com alguns outros assuntos em comum: política e sociedade. Tais crônicas foram selecionadas em duas coletâneas: *À sombra das chuteiras imortais* (1993), onde estão algumas crônicas de Nelson Rodrigues, e *Quando é dia de futebol* (2002), onde são contemplados alguns textos de Carlos Drummond de Andrade. Neste estudo, pretende-se ressaltar as relações das crônicas selecionadas com elementos literários mais latentes, e os aspectos sociais da época em que foram escritas: notoriamente, a atenção está voltada para

as crônicas que, além de tratarem, indireta ou diretamente, o futebol, dar-se-á importância singular, também, àquelas que discutem, explicitamente ou não, os elementos políticos voltados para o regime vigente do período em que foram escritas, a Ditadura Civil-Militar brasileira. Ainda que saibamos que de forma alguma tal escolha esgote as obras. No capítulo seguinte as discussões serão pautadas quanto ao momento e ao estilo em que estão inseridos os autores, além de ser apresentada a categoria estética de interpretação, que fora proposta para classificar suas crônicas: os *anjos modernos* e os *dybbukim literários*.

### 3 UM TORTO E OUTRO PORNOGRÁFICO

*Transformai*

*As velhas formas do viver*

*Ensinai-me*

(GILBERTO, Gil. Trecho da música “Tempo Rei”)

#### 3.1 Tempos diversos

O tempo é a testemunha das mudanças, mas os relatos sobre as transformações dependem daqueles que os registram: os cronistas. A música de Gilberto Gil, que data do final da ditadura civil-militar no Brasil (1984), ajuda a definir as relações literárias e históricas que serão estabelecidas nas linhas seguintes; o tempo transforma a realidade presente, como o fez com o passado e fará com o futuro; suas nuances podem e são registradas, portanto, eternizadas.

Neste segundo capítulo, o foco recairá em dois aspectos mais fecundos para a discussão já estabelecida: no período histórico literário do Modernismo, momento da composição das crônicas selecionadas para reflexão no capítulo posterior, bem como nas incursões artísticas e jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade e, respectivamente, Nelson Rodrigues, além das relações diversas dos cronistas com o momento histórico e literário em que as produziram.

O Modernismo está para além de um estilo artístico ou de uma escola literária, ou mesmo de uma ideologia. O moderno é e permanece ainda como um modelo ou marco de cisão entre um momento e outro - o *Jetztzeit*, ou o “Agora”. Algo que fora e algo que é: que se transmuta e permanece. Os termos correlatos a essa identificação, ainda que soem semelhantes, são: o moderno, a modernidade e o modernismo, que adquiriram sentidos próprios, que dialogam entre si, na passagem de diversos séculos de debates e estudos. Na definição do filósofo Walter Benjamin, presente em *O Anjo da História*:

A história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetztzeit*). Assim para Robespierre, a Roma antiga era um passado carregado de Agora, que ele arrancou ao contínuo da história. E a Revolução Francesa foi entendida como uma Roma que regressa. Ele citava a velha Roma tal como a moda cita um traje

antigo. A moda fareja o atual onde quer que se mova na selva do outrora. Ela é o salto de tigre para o passado. Acontece que ele se dá numa arena onde quem comanda é a classe dominante. O mesmo salto, mas sob o céu livre da história, é o salto dialético com que Marx definiu a revolução. (BENJAMIN, 2012, p. 18)

A discussão acerca do termo modernismo abarca grandes problemáticas nos campos da antropologia (por exemplo, ao verificar o “indivíduo moderno”), da literatura (ao apontar a escola e as gerações modernistas), da história (afirmando o início de uma “idade moderna”), da sociologia (com o uso de termos associados às “sociedades modernas”) etc. Cada campo de estudo possui um marco singular do início do período moderno em suas respectivas áreas: a modernidade chegara não somente para o campo da Arte, mas também da ciência e da filosofia. Um dos maiores debates, de importância singular para este estudo, aponta para a diferenciação e semelhança de sentidos do termo utilizado na historiografia e a alcunha semelhante utilizada na literatura, ambas as disciplinas trabalham com momento ou período moderno, que são correspondentes, todavia, não sendo idênticos. Como suporte fundamental, recorre-se à estudiosa Mônica Pimenta Velloso (2010) em *História & Modernismo*, que traça um panorama minucioso da utilização do termo nas nações europeias de séculos anteriores até o momento literário ao qual se pretende chegar neste capítulo.

Na sua constituição, o moderno necessita do antigo para adquirir sentido e apresentar-se como tal. Atravessando a história, mais nitidamente no período entre os séculos XVI até o XIX, o termo vai adquirindo diferentes configurações. Na mente dos homens permanecia, no entanto, a importância do antigo como modelo exemplar ou referência a ser considerada. (VELLOSO, 2010, p. 12)

De acordo com a pesquisadora, a compreensão do que se configura como moderno varia por trabalhar calcado em paralelos com os períodos que o antecedem. Há três momentos fundamentais na história que problematizaram o termo: o primeiro, entre os séculos XVI e XVIII, fora profuso na discussão do modelo social e filosófico greco-romano e do “novo”, muitas vezes, apontando intransigência do moderno em desfazer do passado que o erguera. O segundo, entre os séculos XVIII e XIX, foi marcado pela discussão iluminista e revolucionária entre o antigo (absolutismo) e o novo (liberalismo). Notavelmente em Paris, por meio da poesia e da crítica, um poeta e intelectual expunha reflexões sobre os “tempos modernos”

pelos quais seu meio passava, um dos precursores da estética simbolista, Charles Baudelaire. Como aponta Mônica Pimenta Velloso:

Baudelaire ampliou o sentido do passado e do moderno, propondo pensar ambos além dos limites temporais e cronológicos, fundamentados em uma concepção evolucionista e linear. O passado não se restringia mais ao que passou assim como o moderno deixava de ser mera atualidade. O poeta, o voyeur o flâneur – que compõem distintas faces do mesmo homem – observam esse movimento subterrâneo da realidade, buscando compreender a dinâmica que rege o antigo e o moderno. (VELLOSO, 2010, p. 16)

Entre suas propostas inovadoras no campo da Arte Literária, o poeta francês trazia à linguagem literária traços que corresponderiam às múltiplas transformações pelas quais a realidade ocidental atravessava. A população das cidades havia crescido demais naquele momento e não apenas pelo aumento da taxa de natalidade nos bolsões urbanos, entretanto, com crescente migração de camponeses para as cidades, migrantes que desenvolvem sua própria visão daquilo com que se deparam, perspectiva esta normalmente antagônica aos habitantes da “grande cidade”. A metrópole, a grande cidade de desconhecidos, é o ambiente desse novo olhar multifacetado. A literatura, a arte desse artista, é a única capaz de traduzir os anseios e angústias diante deste novo tempo. A Arte não seria uma fuga dessa realidade, mas um meio, e um fim, de exposição de suas perspectivas frente aos paradigmas que se empunham e se transformavam ao seu redor, numa velocidade nunca antes possível.

Na passagem do século XIX para o XX pode-se situar o terceiro momento dessa genealogia histórica do moderno. Nessa virada de século se expande, se consolida e se internacionaliza o processo de modernização econômica e social, que integra e contamina de forma decisiva o campo da arte e do pensamento. (VELLOSO, 2010, p. 18)

O terceiro momento de debate, quanto ao moderno, ocorre entre os séculos XIX e XX. Como ressaltado anteriormente, a utilização da nomenclatura “modernidade” já era recorrente, desde o século XVIII, e o termo já havia aparecido dois séculos antes. No entanto, nesse terceiro momento, ocorre uma diferenciação histórica na perspectiva do termo, em toda sua complexidade, que acontece quando se transfigura para o panorama das nações e países periféricos, principalmente no início do século XX. Expõe Mônica Velloso:

Uma panorâmica demasiado complexa, considerando a ampla variedade de grupos artísticos integrando expressistas, cubistas, futuristas, simbolistas, imagistas, vorticistas, dadaístas e surrealistas. Foram muitas as propostas e percepções filosóficas em jogo. A defesa do espírito moderno coexistia com a valorização do espírito decadentista; o apreço as forças irracionais e inconscientes disputava espaço com a razão instrumental, o experimentalismo com o construtivismo. (VELLOSO, 2010, p. 18)

O século XX havia sido preparado pelo anterior, pois não foram poucos os conflitos que o marcaram e a grande maioria deles tinha sido iniciada no século XIX. Os “anos oitocentos” foram marcados pela expansão capitalista quase sem limites: profusão dos ideais republicanos, desenvolvimento das teorias evolucionistas, guerras civis e de unificações, imperialismo sobre as nações periféricas, final da escravidão africana nas Américas, expansão urbana etc. A velocidade das informações era algo inovador e empolgante para muitos jovens intelectuais, a busca pelo novo tornara-se uma obsessão para a maioria.

No Brasil, um dos países periféricos mencionados anteriormente, o início do século XX fora marcado pela convivência das tendências literárias do final do século anterior com as vanguardas europeias do início do século. Essa “véspera modernista” recebera a alcunha de Pré-Modernismo, não exatamente um estilo, mas a preparação para um que estava por surgir. Nos dois decênios de início dos “anos noventa”, o país vivera a alternância política de mineiros e paulistas na presidência da República. Tal quadro acentuava os contrastes entre as regiões e os muitos problemas já vivenciados pela Velha República, o que propiciava várias revoltas por parte da população mais necessitada, esquecida durante tanto tempo, sobretudo na região nordestina, que se sentira gradativamente mais posta de lado pelo governo nacional. As reações das tropas governamentais eram violentas, mas percebidas, e difundidas como tal, como defesa da ordem nacional.

O período também é marcado pela forte imigração em direção a São Paulo, onde a urbanização proliferava-se de maneira desordenada, com a chegada cada vez maior de estrangeiros. O panorama de descontentamento contemplou a atuação de socialistas e anarquistas entre poucos estudantes, alguns jovens militares e muitos trabalhadores urbanos, o que gerou sem demora manifestações populares, revoltas e greves: retoma-se um dos complexos da modernidade, o debate entre o

arcaico e o moderno. Alguns escritores e estudiosos procuram compreender as contradições que surgem a partir dessa situação.

Os autores do período tiraram desse retrato social os temas de suas obras, como que em um esforço de denunciarem, a partir de suas produções literárias, as outras partes da nação que eram esquecidas: estados e regiões abandonados e inteiramente sem qualquer assistência governamental. De tal maneira, as obras discutiam as mazelas da sociedade brasileira e seus contrastes, seja no âmbito espacial – o interior tradicional e arcaico em contraposição ao litoral urbanizado –, seja no âmbito político-social – a margem urbana miserável, bairros periféricos, em contraste com o centro urbano industrializado, o comércio e o espaço das opulentas residências.

Há a convivência nesse período de tendências conservadoras e renovadoras na intelectualidade brasileira: os conservadores eram aqueles que mantinham ainda fortes traços do Positivismo e do Determinismo, que fundamentaram em parcela considerável o Realismo, Naturalismo, Simbolismo e Parnasianismo. Em contrapartida, os renovadores encontravam-se nitidamente preocupados em incorporar a realidade à produção artística, de maneira crítica, não sarcástica ou irônica como outrora, mas sim denunciativa e reflexiva; algo que desdobrava uma maior preocupação política e social em suas obras.

No Pré-Modernismo, percebe-se que muitos escritores nacionais não se contentavam em unicamente seguir, como afirmavam alguns, fórmulas estrangeiras de se produzir literatura, principalmente a partir de escolas de origem europeia, portanto, a experimentação e a ousadia seriam determinantes na construção do “novo”. Como aponta Alfredo Bosi:

Se por Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob seu signo representou *também* uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais afundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural: e escritores pré-modernistas foram Euclides, João Ribeiro, Lima Barreto e Graça Aranha (este, independentemente da sua participação na *Semana*). (BOSI, 1994, p. 332)

Escritores como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos, e outros, ousaram em apresentar uma renovação na linguagem literária

ou na maneira de perceber as problemáticas da sociedade brasileira. Há de se ressaltar que a aproximação de jovens intelectuais brasileiros com as Vanguardas Europeias, ironicamente, começava naquele momento a produzir resultados.

A definição de literatura modernista brasileira está intimamente ligada à renovação por meio, inicialmente, da ruptura de padrões estéticos até então definidos e percebidos, pelos autores modernistas, como ultrapassados: a ótica realista/naturalista, o devaneio simbolista, a rigidez parnasiana etc. Posteriormente, com o avançar do século XX e as mudanças decorrentes de diversos conflitos legados pela história, a inovação associa-se com a junção de novas formas de perceber o real e rever perspectivas. Havia clara relação com transformações sociais (as Guerras Mundiais, os conflitos agrários, a expansão urbana, o êxodo rural, o fim da Velha e o advento da Nova República etc.), que tomavam reflexos nas propostas inovadoras na linguagem e no próprio formato das obras, como expõe Mônica Pimenta Velloso:

O fenômeno da circulação de ideias, a capacidade crítico-inventiva dos diversos agentes sociais na construção das representações e práticas foram aspectos fundamentais para se proceder a uma reconfiguração do social. A sociedade brasileira passou a ser pensada a partir de uma reconceituação da temporalidade histórica, em decorrência da qual foram reformuladas as categorias do moderno e da tradição. (VELLOSO, 2010, p. 25)

A *belle époque*, o modelo francês, pelo qual algumas cidades brasileiras haviam passado, incluindo a capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, chegara ao seu fim, mas o progresso capitalista continuava acelerado, principalmente na vizinha São Paulo. Todas essas reflexões culminaram indistintamente no evento chamado de Semana de Arte Moderna. Ocorrido em 1922, representou um marco, ainda que não tenha ocorrido de maneira isolada, no que diz respeito a mudanças radicais no caminho e no entendimento do que, do como e do porquê da atuação do artista na “era moderna” do Brasil.

O Modernismo certamente foi o período literário que mais legou, até então, escritores e escritoras para a história literária brasileira. A participação de mulheres em meios literários fora a mais intensa até aquele momento. Uma das maiores razões de seu desenvolvimento fora a diversidade de produção tanto de prosa quanto de poesia. Desde seu primeiro momento, como explica Alfredo Bosi,

[p]aralelamente às obras e nascendo com o desejo de explicá-las, os modernistas fundavam revistas e lançavam manifestos que iam delimitando os subgrupos, de início apenas estéticos, mas logo portadores de matizes ideológicos mais ou menos precisos (BOSI, 1994, p. 340)

Entende-se que existem diversos motivos pelos quais apenas alguns escritores de muitos de cada tempo e local conseguiram reconhecimento expressivo. A depender das razões, alguns figuram na história da literatura nacional por ousadia de estilo, hábil e satisfatória divulgação, outros se afirmam nos manuais de história literária por fidelidade a uma tendência, ou ideal. No caso do Modernismo, ainda havia o seguinte fato: como as obras se realizavam diante de uma contribuição à literatura brasileira? Como afirma Velloso (2010, p. 35), “[e]ra consenso a ideia de que a política seria incapaz de lidar com o complexo e frágil artefato que era a nação moderna. Caberia aos intelectuais, através da pesquisa das tradições populares, desvendar o enigma da nacionalidade”.

E muitos assumiram essa função, de maneira direta e indireta. O Modernismo apresentou três gerações de extrema produção e variada temática nunca antes vista na produção literária brasileira, revelando a maioria dos mais notórios literatos brasileiros.

Na segunda e terceira fases modernistas, Carlos Drummond de Andrade se perpetua como um dos maiores poetas modernistas do Brasil. Paralelamente, a produção de Nelson Rodrigues, assim como a do poeta mineiro, inicia a empreitada de fazer parte do cânone nacional, principalmente por seu trabalho na dramaturgia, que ainda que tenha sido situada no período moderno, recebe título de contemporânea no teatro brasileiro.

Foi durante esse período que o poeta Carlos Drummond de Andrade e o dramaturgo Nelson Rodrigues desenvolveram seu nítido reconhecimento como sujeitos ativos da literatura nacional. Para além de tal fato: eles se conheciam. E mais além: eram jornalistas e sujeitos ativos da opinião pública nacional; trabalhavam em jornais de ampla circulação e exposição.

### 3.2 Os anjos modernos

Os quadros do pintor Paul Klee eram e são de difícil categorização, o artista suíço trabalhava com características que oscilavam entre diversos estilos. Uma de suas obras norteia parte do conceito de “anjos modernos” que recai sobre os cronistas na discussão proposta nesta dissertação. A concepção desse termo jaz na interpretação da obra *Angelus Novus* (1920), exposta por Walter Benjamin:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval. (BENJAMIN, 2013, p. 14)

Como dispôs anteriormente Mônica Pimenta Velloso (2010, p. 19), o “novo”, o moderno, pauta-se no passado para se definir, permite o diálogo com o “anjo de Klee”, este enaltece o passado ao se estremecer diante do futuro: aquilo que se perdeu, precisa ser revisto para parar o caos que o “progresso” prenuncia. O anjo representa um mensageiro do porvir, uma entidade que enxerga no passado os instrumentos para se lidar com o “vendaval” iminente. Pondera-se que as circunstâncias históricas da primeira metade do século XX são essenciais para o entendimento deste “vendaval”: a Primeira Guerra Mundial, os levantes operários, os regimes totalitários, as mudanças bruscas e devastadoras na economia mundial etc. Em diálogo com estes violentos fatos históricos, a obra de Paul Klee torna-se uma representação de um despojo, algo que caiu, restou, a lembrança do que fora. Pontua Tânia Sarmiento-Pantoja:

Mais do que resíduos essas imagens, ao mesmo tempo sublimes e hediondas, nos remetem àquilo que não está visível, mas que ao mesmo tempo é revelado de modo aterrador, pois é impossível não contemplá-las sem refletir que cada um daqueles objetos, mesmo na

sua miudeza, representa um ser aniquilado. Mais do que o representa, o substitui. (SARMENTO-PANTOJA, 2014, p. 153)

Os traços e a habilidade do pintor são o sublime, enquanto a interpretação do quadro transborda o hediondo. Os objetos são cada detalhe menor, miúdo, que se percebe: os olhos arregalados, a boca escancarada, as asas em desespero, as linhas frágeis. O ser aniquilado é o próprio passado, as ruínas, que o ano tenta retornar, mas que são substituídas pelo futuro iminente, devastador.

Não indiferente às concepções religiosas mais profundas que traçam sistemas complexos de representações simbólicas para definir entidades divinas, mas a pautar-se na mitologia popular, afirma-se que os anjos são aqueles que trazem as mensagens que precisam ser anunciadas aos homens, que por sua vez devem rever o que fazem e modificarem sua conduta e prepararem-se para a mudança a que o mundo se submeterá. Em outras palavras: postulam o ato de resistir. Élcio Loureiro Cornelsen define o conceito de resistência:

[o] conceito de “resistência” no âmbito da cultura e das artes nasce justamente em decorrência de ações sociopolíticas contrárias aos regimes de exceção europeus. Desde então, seu emprego tornou-se legítimo para abordar toda e qualquer manifestação ou ato de resistir a políticas autoritárias e a regimes ditatoriais, sejam estes autoritários ou totalitários. (CORNELSEN, 2013, p. 34)

O período “entre guerras” não representou uma paz mundial, ou um alívio entre as nações, mas sim um período marcado pela tensão na Europa e em suas antigas colônias. Nestas circunstâncias, os escritores não teriam um papel tão diferente – mesmo que não estivessem, necessariamente, presos ou vinculados a uma “força norteadora”. Walter Benjamin propõe o papel do cronista:

O cronista, que narra os acontecimentos em cadeia, sem distinguir entre grandes e pequenos, faz jus à verdade, na medida em que nada do que uma vez aconteceu pode ser dado como perdido para a história. É verdade que só à humanidade redimida será dada a plenitude do seu passado. E isso quer dizer que só para a humanidade redimida o passado se tornará citável em cada um dos seus momentos. (BENJAMIN, 2013, p. 10)

O cronista, tal qual o anjo, é o responsável por trazer a reflexão do passado à humanidade. O que lhes dá a motivação nos é algumas vezes desconhecido,

todavia, suas obras falam por si, quando postas em reflexão nas muitas perspectivas desenvolvidas em variados campos de estudo. Como cronistas, suas opiniões que precisam ser ditas – disseminadas, lidas e ouvidas, por mais que sejam aparentemente, ou não, divergentes; e assim ocorreu com as crônicas do dramaturgo pernambucano Nelson Rodrigues, o “Anjo Pornográfico”, e do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, o “Anjo Torto”.

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo “tal como ele foi”. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. (...) O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que a recebem. Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes. Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para dominá-la. (BENJAMIN, 2013, p. 11)

De acordo com a mitologia popular, os anjos que vêm a Terra estariam em “missão divina”, que os afirma como as entidades que são, todavia, os que ficaram em nosso plano, a hoste da primeira rebelião eram anjos caídos – que reivindicaram este plano e os seres aqui atuantes, como seus; para muitas concepções, este é o epíteto dos “demônios” ou “espíritos atormentados”; antagônicos à ordem superior. Na cultura judaica o *dybbuk*, como postula Nachman Falbel (2013, p.8), estudioso da cultura judaica, no artigo “Um Dibuk Entre Dois Mundos”, seria uma espécie de entidade atormentada tal qual o demônio cristão, um ser outrora vivente, dotado de um propósito, como o passado a que se volta o *Angelus Novus*, que tenta retornar por outro: “restituir os mortos”; uma “revisão viva” de outros tempos, a pura representação daquilo que interpreta Walter Benjamin (2013, p.14). Sua função seria subverter uma alma, fazê-la olhar para o que pode ser, e não o que é ou será, tentar “ganhar vida” através da vida de outra pessoa, levar sua visão do passado (mortos/ruínas) aos olhos do presente (vivos/progresso); o *dybbuk* quer ter aquilo que já teve. Nachman Falbel descreve um caso documentado por Shlomo Ansky, na época realizando uma pesquisa etnográfica, de uma jovem, provável inspiração, de acordo com o estudioso, para a personagem principal da peça *O Dybbuk*, escrita pelo próprio artista russo e também judeu:

Hanna Rochel Verbermacher, mais conhecida como a “Donzela de Ludmir”, cidade em que nascera, angariara fama e discípulos por sua

sabedoria e carisma de *tzadika*. Após ter tido uma aparição sobre o túmulo de sua progenitora se lhe introduzira do alto a alma de um *tzadik* para que se entregasse a uma vida ascética e espiritual obrigando-a a renunciar ao casamento e à família [...] Também sua voz se manifestava como se fora masculina confirmando a encarnação da nova alma que nela se manifestara. Porém, nesses casos o *dibuk*, mesmo que suas portadoras acabem tendo um final infeliz, era para elas um ente desejável que explicaria a afirmação e a realização pessoal de mulheres que no contexto da fechada sociedade masculina hassídica ortodoxa não poderiam ocupar qualquer espaço superior de liderança, apesar dos notórios dons pessoais que motivavam profunda admiração naqueles que se encontravam próximos a elas. Nesse sentido, podemos inferir que no interior da sociedade hassídica era preciso o *dibuk* de um *tzadik* para a autojustificação e o ingresso de uma mulher, em pé de igualdade, e status perante os demais. Porém, mesmo nessas condições essa ameaçadora e inaceitável transmutação seria temporária devido a sua condição feminina, visto que no final a mulher deveria voltar a ser o que era e desempenhar o papel que lhe fora destinado na ordem da Criação. (FALBEL, 2013, p. 7)

Apesar da “alma atormentada” ser a de um líder religioso, um *tzadik*, essa subversão assusta os demais, não somente por expor comportamentos dos hospedeiros nunca antes vistos, mas também por dar poderes e condutas que lhes são impróprios. Não por acaso, as mulheres seriam alvos comuns ao *dybbuk*, que lhes levam a “voz masculina”, lhes conduzindo a representar papéis que não seriam legitimamente seus, segundo a tradição.

Essa condição não poderia ser associada à função da crônica? Nos revelar opiniões que podem ser nossas, portanto, insinuar-se sobre nossas convicções? Fazer perceber aquilo que fora, e, logo, tentar instaurar algo “novo”, instituído com base no “paraíso” do passado, no presente? O que nos faz perceber a diferença entre o anjo e o “ser sem vida”; nas palavras de Walter Benjamin:

Há mesmo uma lenda talmúdica segundo a qual os anjos – a cada momento sempre novos, em legiões infinitas – são criados para, depois de terem entoado os seus hinos na presença de Deus, deixarem de existir e se dissolverem no nada. (BENJAMIN, 2013, p. 46)

Os textos talmúdicos são uma coletânea de reflexões rabínicas sobre o pensamento judaico, transmitem a tradição de sua cultura e sociedade. Entender parte da função do mito, nos ajuda a compreender a categorização proposta; para Jeferson Moebus: “O mito não é somente o discurso sobre o ser, mas sobre o que

deve ser: ele comunica formas paradigmáticas de orientação no mundo.” (RETONDAR, 2005, p. 108). O mito postula maneiras de se colocar na em uma comunidade e interagir na sociedade. O nada, o esquecimento, não é o destino dos “anjos modernos” que nos são objetos de atenção, pois estes “caíram” – ficaram neste plano. Um anjo não é um *dybbuk*, todavia, as crônicas de um “anjo torto” e um “anjo pornográfico”, podem se insinuar perfeitamente como a entidade judaica em forma de texto literário; não tiveram o destino dos outros da lenda talmúdica relatada, e ainda estão a “atormentar” as almas do presente forçando-as a rever o passado.

### 3.3 O torto

A primeira geração do Modernismo no Brasil fora responsável pela ruptura com o ideal formal parnasiano e pela proposta pungente de inserir uma linguagem mais informal e mais próxima do “Brasil real”. A geração seguinte, de 30, não interrompeu a mudança iniciada pela primeira geração modernista, pelo contrário, apresentou uma maturação e versatilidade maior dos ideais iniciados pelos “antropófagos” de 22, que tinham entre muitos, Mário de Andrade e Oswald de Andrade em sua vanguarda. Não mais tão presa à constituição de uma “nacionalidade literária”. Todavia, antes desse momento, a obra do jovem Carlos Drummond de Andrade já se mostrava diferenciada, por mais que ainda não tivesse adquirido o reconhecimento posterior. Nas palavras de José Maria Cançado presentes no livro *Os Sapatos de Orfeu – Biografia de Carlos Drummond de Andrade*,

Carlos Drummond de Andrade, então com 22 anos, era como seu próprio *contraditório*. A sua personalidade já tinha começado a ser uma espécie de filme tão acelerado na sua projeção que o *campo* era logo engolfado pelo *contracampo*, a afirmação pelo seu contrário, o ser pelo não. Ele era o próprio criador sem messianismo. (CANÇADO, 2006, p. 112)

O crescimento poético do escritor mineiro ocorria, a partir do contato com outros grandes escritores da primeira geração modernista, entre eles Mário de Andrade e Manuel Bandeira, com quem o literato trocava correspondências e mantinha contato. Apesar de algumas diferenças estilísticas e temáticas, a relação

entre os literatos foi essencial no desenvolvimento da obra de Carlos Drummond de Andrade, como José Maria Cançado (2006) aponta:

Em julho de 1928, seria publicado pela primeira vez, na Revista da Antropofagia, o poema que iria detonar tanta coisa, e dividir o país, dizia o próprio Drummond, “em duas categorias mentais”: “No meio do caminho”. O poema escrito no fim de 1924, no máximo no início de 1925, tinha circulado um pouco, provocando, além do comentário de Mário de Andrade sobre o “cansaço cerebral”, um outro de Manuel Bandeira (essa triangulação parecia funcionar um pouco instintivamente). (CANÇADO, 2006, p. 130)

Nesse amadurecimento literário em que está inserido o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, notar-se-á que o distanciamento da geração inicial começa a expandir-se, dando à obra do escritor contornos próprios, e mesmo singulares quanto à geração em que estivera inserido. Em 1930, de acordo com Cançado (2006, p 134), com a publicação de *Alguma Poesia*, a obra surpreende os críticos que se dividem na maneira de classificar aqueles poemas ainda tão distintos; conforme a observação de Alfredo Bosi,

[o] primeiro grande poeta que se afirmou depois das estréias modernistas foi Carlos Drummond de Andrade. Definindo-lhe lucidamente o caráter, disse Otto Maria Carpeaux da sua obra que “expressão duma alma muito pessoal, é poesia objetiva”. Parece-me que “alma muito especial” significa, no caso, a aguda percepção de um intervalo entre as convenções e a realidade: aquele hiato entre o parecer e o ser dos homens e dos fatos que acaba virando matéria privilegiada do *humor*, traço constante na poesia de Drummond. A prática do distanciamento abriu ao poeta mineiro as portas de uma expressão que remete ora a um arsenal concretíssimo de coisas, ora à atividade lúdica da razão, solta, entregue a si mesma, armando e desarmando dúvidas, mais amiga de negar e abolir que de construir [...]. (BOSI, 1994, p. 441)

Dentro do modernismo literário brasileiro, o escritor Carlos Drummond de Andrade surgiu no cenário literário nacional como um dos poetas vanguardistas do segundo momento do Modernismo no Brasil, inicialmente em parte por ter sido considerado ousado na arte de poetizar: tanto na linguagem (poética desgarrada e sem regras) quanto nos temas (críticos, líricos e cotidianos). Em suas produções percebe-se o uso dos mais variados temas que tecem sobre um vazio melancólico enquanto humano até os desconcertos da própria realidade e suas incoerências. Por meio de uma poética vasta, Carlos Drummond admirou muitos críticos de sua época

e inscreveu-se como essencial no desenvolvimento da Literatura de seu período, até hoje reconhecido como um dos mais notórios poetas brasileiros.

De acordo com o biógrafo José Maria Cançado, Carlos Drummond de Andrade uma vez discursou em um jantar entre outros escritores:

Meus amigos, eu recebi a visita de um anjo. Não vos direi como ele chegou à minha materialidade terrena; como atravessou – mais leve do que o ar – a zona privativa dos pássaros e dos aviões; como se informou de minha casa e apareceu, translúcido, diante de mim. São astúcias angélicas, que não vos será difícil penetrar, com um pouco mais de boa vontade ou de aperitivo. A título de informação, direi apenas que era um anjo torto – foi o que se pôde arranjar à última hora, para visitar o poeta municipal –, um anjo delicadamente torto do lado do coração. Já essa parcialidade me comoveu. Dir-se-ia que a ele o coração pesava mais do que o lado do corpo; daí o motivo do corpo pendido para o lado do coração. Anjo bom, na certa, refleti. Reflexão aliás bem triste, porque a necessidade de um adjetivo para qualificá-lo estava demonstrando que os anjos, em si, não têm preferências nem inclinações; podem ser ótimos e podem ser vagabundíssimos. (ANDRADE *apud* CANÇADO, 2006, p. 135)

O “anjo torto”, como o próprio poeta alcunhou-se, e a metáfora fora excelente na observação de seu estilo próprio: aquele que não quer ser “direito”, logo “torto”. Para Eduardo Sterzi, Carlos Drummond de Andrade seria um poeta do impasse e risco. Por seu fazer poético, além de mesclar a ironia séria à comicidade cotidiana acidental, arrisca-se no trato ousado da linguagem que utiliza, algo, no entender do crítico, posto de lado por muitos dos contemporâneos de Drummond:

Talvez nenhuma outra medida da pertinência de um poeta em relação ao povo do qual emergiu seja tão eloqüente quanto a absorção de um ou dois versos à linguagem do dia-a-dia. Em momentos como este, o poeta parece retomar uma responsabilidade primitiva – esquecida ao longo de séculos de crescente desencantamento das relações entre o ser humano e seus instrumentos de intervenção na realidade – quanto à criação e recriação da língua. (STERZI, 2002, p. 52)

A língua e, por conseguinte, a linguagem, como a própria representação da realidade: sugerir uma transformação de uma, implicaria em supor uma transmutação da outra. Em *A rosa do povo* (1945), a poética de Carlos Drummond de Andrade transfigura com excelência a postulação anterior de Eduardo Sterzi (2002, p 52).

O aspecto “torto” propõe-se a partir da sinuosidade das opiniões no texto: indagações que convidam a uma reflexão aprofundada – antagônica – em diversos sentidos: desde o rever de elementos cotidianos ao questionamento quanto aos contrastes da realidade social. Atrai o leitor por meio de divergências aparentes no tema da crônica. Como explicita Theodor Adorno,

[o]s antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes da sua forma. É isto, e não a trama dos momentos objectivos, que define a relação da arte à sociedade. As relações de tensão nas obras de arte cristalizam-se unicamente nestas e através da sua emancipação a respeito da fachada fáctica do exterior atingem a essência real. (ADORNO, 1993, p. 16)

A essência do real está diretamente ligada à representação disposta na obra de arte, tal qual a opinião exposta pelo cronista em seu texto. As forças antagônicas que se confrontam no plano exterior à arte são responsáveis por dar contorno à complexidade do texto literário. Todavia, não se verifica a necessidade desta transfiguração ser explícita, ou direta. Como exemplo, vale citar a crônica “Do trabalho de viver”, publicada no *Jornal do Brasil* em 16 de abril de 1970:

Decerto estou sonhando. Sonhos de abril, cara a cara com a manhã pura que o Escritório de Meteorologia me está oferecendo de graça, e que eu, pondo de lado grandes assuntos do momento, vou explorando na certeza de que faço algum bem a meus leitores se convencê-los a faltar hoje a certa obrigação tediosa que lhes deu ao café um gosto de mau humor. Porque eu já cumpri a minha, batendo estas mal traçadas. O resto fica por conta da imaginação de cada um. Só vejo hoje no Brasil um homem com obrigação de exigir velocidade aos outros. Chama-se Zagalo, e não o invejo. E já estou pensando em um futebol lento, mais do que lento, imóvel, em que os jogadores de ambos os times se sentem no chão para assistir à lenta germinação de uma folhinha de grama: o verde da vida. (ANDRADE, 2002, p. 101)

A posição do cronista insere-se no final do texto: a vida, sentido maior, sobre o jogo, elemento menor. A crônica inicia-se saudando a contemplação e quietude, e o papel de entretenimento do cronista. Então cita Zagalo, que já fora jogador de futebol do Botafogo e do selecionado brasileiro, recém-empossado naquele momento como técnico da seleção brasileira: este necessitaria de celeridade, sem tempo para contemplar o processo natural da vida simples e ignorada, o jogo não

dispõe deste tempo, ou, como pontua o cronista, desta sorte. Remover o mero desdém pelo esporte, ao enaltecer a contemplação meditativa, para se chegar à crítica ao excesso de importância dada ao espetáculo, que nos faz esquecer a realidade que continua a transformar e transformar-se, necessita de esforço por parte do leitor, precisa que este contemple de maneira serena seu redor, e o próprio texto. Portanto, como parte do sinuoso caminho das opiniões do “Anjo Torto”, por fim, desdenha do que toma atenção majoritária no momento, o futebol; ao situar a vida, e suas flutuações serenas, como um objeto central do cerne do texto, que transcende a necessidade de competição, de vitória ou derrota. Neste ponto torna-se inevitável traçar um diálogo entre a poética de Carlos Drummond de Andrade e sua produção como cronista. Propõe-se paralelo ao que postula Fábio Iorio:

O lugar que ocupa a obra poética de Carlos Drummond de Andrade caracterizou-o mais como poeta do que como cronista, fazendo uma separação indevida ao conjunto da obra, cuja construção é paralela e com várias conexões. O cronista-poeta oferece um intercâmbio constante entre a poesia e a crônica. Os seus textos em prosa têm a síntese, o ritmo adequado, a polissemia e o fino humor. Distancia-se pela invisível relação do cotidiano, reconstituindo os fragmentos em roteiros de uma história e progresso. Na transitoriedade da memória de cada dia a crônica recorta o que se pode universalizar, ultrapassando as limitações humanas na enunciação do sujeito. (IORIO, 2006, p. 27)

A crônica de Carlos Drummond de Andrade transmite sua poeticidade que reconfigura a percepção do cotidiano como lugar comum a todos, não necessariamente perceptível ao olhar comum, mas sim ao minucioso: aquele que pode tanto observar no texto seus detalhes menos explícitos, bem como notar as sutilezas da rotina, que perde seu caráter repetitivo e constrói-se como único e genuíno momento.

### **3.4 O pornográfico**

Em 1966, dois anos depois da instauração do regime militar através de um golpe de Estado, durante uma entrevista, motivada pela polêmica da proibição do romance *O Casamento*, censurado pela justiça, assim Nelson Rodrigues definiu a maneira como sua “veia literária” se insinuava:

Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico. (RODRIGUES *apud* CASTRO, 1992, p. 2)

Tendo como referência Ruy Castro (1992, p. 60) em *O Anjo Pornográfico – A Vida de Nelson Rodrigues*, a carreira do autor de *Vestido de Noiva* se inicia aos treze anos de idade, quando trabalhou como repórter policial no jornal *A Manhã*; seu pai era o dono do jornal. No início da década de 1960, começa a trabalhar em *O Globo*, periódico onde publicou muitas crônicas sobre futebol em uma coluna que recebia o nome de *À sombra das chuteiras imortais*. Pouco antes já havia contribuído sobre o mesmo tema, para a *Manchete Esportiva*, em coluna de mesmo nome, e para o *Jornal dos Sports*. Percebe-se, a partir de tal pressuposto, a intimidade do cronista com o tema, ainda que muitas vezes julgava-se não ser um “entendido” do assunto.

Contudo, antes de iniciar sua trajetória expressiva nas crônicas esportivas, o escritor pernambucano já havia ganhado notoriedade na literatura brasileira. As obras de Nelson Rodrigues apontaram para uma divisão possível da cena dramática em tripartida, espaços que se diferenciavam e faziam-se simultâneos à ação, que se associava a um discurso poético e de alcance cotidiano (principalmente nas obras afirmadas como “tragédias cariocas”), de dimensões universais, foram características basilares da inovação proposta pelas peças de Nelson Rodrigues, quesitos largamente pesquisados e discutidos. Como já mencionado, a produção de Nelson Rodrigues se popularizou e ganhou espaço na literatura brasileira de início, a partir de sua produção dramática. Dentre as diversas obras produzidas, destaca-se o drama *Vestido de Noiva* (1943), que fora considerado por muitos como um marco no teatro nacional. Mas crônicas as de *A vida como ela é...*, publicados no início da década de 1950 no jornal *A Última Hora*, também ganharam repercussão crítica de maneira expressiva. Pontua Ruy Castro:

No Rio em que se passam as histórias de “A vida como ela é...” – o dos anos 50, quando elas foram escritas –, não havia motéis, nem a pílula e nem a atual liberdade absoluta entre os jovens. A Zona Norte, quase sem comunicação com a paradisíaca e permissiva Zona Sul, ainda preservava valores contemporâneos da “Espanhola”. As famílias eram rigorosas e, o que é pior, muito mais famílias moravam juntas do que hoje. Maridos, cunhadas, sogras, tias e primas cruzavam-se dia e noite nos corredores dos casarões, sob

uma capa de máximo respeito. Nessa convivência compulsória e sufocante, o desejo era apenas uma faísca inevitável. (CASTRO, 1992, p. 237)

Esse panorama conturbado fora a essência de quase todos os contos da obra já citada: a exposição da promiscuidade camuflada, por vezes nem um pouco silenciosa, daquela atmosfera conservadora e tradicionalista da sociedade carioca; que poderia ser configurada com qualquer outra elite brasileira. Fator essencial para categorização de sua “pornografia” nas crônicas, quesito que causava polêmica exultante entre religiosos e conservadores de seu período.

O aspecto “pornográfico” se insere a partir da exposição de uma opinião aberta, explícita, sem uso de metáforas ou referências mais aprofundadas, ou mesmo aparentemente desconexas ou antagônicas, tais características se inserem melhor no aspecto “torto”. A opinião direta, ainda que coberta de alegorias e referências, insinua-se, ou mesmo seduz, convida à concordância, de maneira mais veemente. Afirma Lynn Hunt:

O desenvolvimento da pornografia ocorreu a partir dos avanços e retrocessos da atividade desordenada de escritores, pintores e gravadores, empenhados a pôr à prova os limites do “decente” e a censura da autoridade eclesiástica e secular. (HUNT, 1999, p. 10)

Há uma afronta inegável na escolha de um tema polêmico, ou quanto à postura que se assume em outro, que não seria de causar grande notoriedade. Como exemplificação, citamos a crônica “O único negro do Brasil”, publicada no periódico *O Globo* em 11 de março de 1968, ano que a Organização das Nações Unidas instituiu como Ano Internacional dos Direitos Humanos, que o AI-5 é promulgado e que Martin Luther King, líder negro norte-americano é morto:

É um túmulo que dorme não sei onde. Talvez na Alemanha, talvez na Áustria. Mas não importa a terra. O que importa é a solidão da palavra. Lá está escrito: – “Rosa, pura contradição / Volúpia de ser o sono de ninguém / Sob tantas pálpebras”. É o epitáfio que Rainer Maria Rilke teceu para si mesmo. [...] Eis o caso: – recebi, ontem, a visita de Abdias do Nascimento. Quando escrevo sobre ele, digo: – “o único preto do Brasil”. Parece uma piada, e talvez o seja. Já me referi, várias vezes, ao espanto de Sartre quando estive no Brasil. [...] Ao terminar a palestra, Sartre não se conteve e fez a pergunta, irritado: – “E os negros? Onde estão os negros?”. O filósofo só tivera, até então, uma platéia louríssima, alvíssima, sardenta e de olho azul. Podia perguntar, e tinha razão de perguntar: – “E os negros? Onde

estão os negros?”. Perto de Sartre, um brasileiro cochichou para outro brasileiro: – “Os negros estão por aí assaltando algum *chauffeur!*”

A mesma pergunta podia ser repetida, de brasileiro em brasileiro. Quem olha os nossos presidentes, ministros, arquitetos, escritores, mímicos, veterinários e palhaços, há de querer saber, como Sartre, onde estão os negros, os nossos negros. [...] Eis a nossa paisagem: – os cargos estão aí, as funções estão aí, as estátuas estão aí, e não vejo os negros. Ninguém esculpe um negro. Ninguém põe um negro montado num cavalo de bronze. As casacas estão aí e não vejo negros de casaca. E os negros que foram para a História estão lá humilhados e ofendidos. [...] Não há na Terra ninguém mais só do que o nosso preto. Um esquimó tem a companhia de meia dúzia de outros esquimós. Mas a solidão do negro brasileiro não tem nem a companhia do próprio negro. (RODRIGUES, 1993, p. 183)

O racismo, preconceito e discriminação que leva consideração percepções sociais sobre diferenças biológicas e culturais entre etnias e comunidades, ainda presente em nossa realidade já tivera maior liberdade para se pronunciar, período este que o Anjo Pornográfico escreveu, portanto, não seria um tema capaz de chocar com facilidade, a não ser que tivesse o modo com que o dramaturgo pernambucano o expunha. A crítica veemente presente na crônica de Nelson Rodrigues nos soa extremamente recente, e não percebemos nenhum mascaramento, ainda que haja referências exteriores ao falar do poeta austro-húngaro Rainer Maria Rilke, também há o levantamento de informações que buscam seduzir o leitor e levá-lo a uma concordância com aquele que escreve; de maneira explícita e persuasiva. O racismo assume o cerne da crônica, e, em boa parte desta, parece refutar o discurso racista, entretanto, a notoriedade está na opinião final, de que o “auto-racismo” seria a pior característica de tal mazela na população brasileira, o que pontua uma concepção preconceituosa. Sobre as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, que serão objeto da atenção na presente dissertação no capítulo posterior, aponta Marcelino Rodrigues da Silva:

Para um autor que era sobretudo um dramaturgo (embora tenha vivido o cotidiano das redações de jornal durante toda a sua vida), a idéia de espetáculo haveria de sugerir a relação entre o futebol e o teatro. Com efeito, toda a concepção de futebol desenvolvida por Nelson em suas crônicas está repleta de elementos do teatro. O futebol lhe atraía pelo que tem de trágico, de dramático. (SILVA, 1997, p. 45)

Apesar de ter convivido com a técnica jornalística, o dramaturgo pernambucano transparecia a veia teatral em suas crônicas, não apenas aquelas que tratavam do tema que nos é caro, ao lhe dar entonações trágicas e voltadas ao drama. O espetáculo que o jogo em si representava poderia ser percebido como um palco de teatro, onde *personas*, jogadores e torcedores, traçavam dilemas do cotidiano dos espectadores sublimados no rito da própria apresentação, ou partida.

### 3.4.1 A TENTATIVA DE UM CLÁSSICO

As discussões causadas por jogos de futebol ganharam repercussões ao longo dos tempos que alimentou diversos adeptos do esporte. A imprensa fomentava tais debates, muitas vezes de maneira exagerada. As problemáticas surgiam de maneira pequena e discreta, na maioria das vezes, e acabavam por ganhar proporções que vieram a atravessar a história. Com o tempo as rivalidades entre os clubes cresceram, e no decorrer das competições começaram a receber a denominação de “clássico”, o confronto entre times tradicionais de uma mesma cidade ou região, que se enfrentavam com frequência. No meio literário não era tão diferente, as discussões entre admiradores de diferentes escritores ou estilos eram exacerbadas, chegando a discussões famosas, como a Questão Coimbrã em Portugal, que dividira românticos e realistas, ou a Batalha do Parnaso no Brasil, que separou os parnasianos dos demais. Discussões essas que por vezes saíam do campo literário, e muitas vezes aconteciam entre os próprios autores, de maneira semelhante ao ocorrido entre Coelho Neto e Lima Barreto, como relatado no capítulo anterior.

Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade também tiveram suas divergências: “Na argumentação de Nelson, o novo Brasil se construiria de poeira de Brasília, e não higienicamente instalado em Copacabana, como Drummond, a milhares de quilômetros” (CASTRO, 1992, p. 310). De acordo com os biógrafos, querela instaurada pelo escritor pernambucano.

O assombro positivo causado pela apresentação da peça *Vestido de Noiva* foi tamanho, que não foram poucos críticos que a definiram como determinante na transformação da dramaturgia brasileira até então produzida. As comparações foram muitas, como aponta Ruy Castro:

Foi dito que a Semana de Arte Moderna de 1922 chegara enfim ao palco e que Nelson Rodrigues estava para o teatro como Carlos Drummond para a poesia, Villa-Lobos para a música, Portinari para a pintura e Oscar Niemeyer para a arquitetura. (CASTRO, 1992, p. 176)

O fato de estarem do mesmo lado da transformação pela qual a literatura brasileira passava, de terem trabalhado juntos, e de já ter elogiado o dramaturgo pernambucano, não evitava que Carlos Drummond de Andrade não fosse poupado de algumas críticas elaboradas por Nelson Rodrigues. Não há clareza quanto ao motivo, mas que de fato a postura do Anjo Pornográfico fora determinante para as polêmicas se disseminarem, é indiscutível. Um episódio singular, logo após o lançamento de um dos livros do poeta mineiro, é pontuado por José Maria Cançado:

Em dezembro de 1951, quando foi publicado *Claro enigma*, o novo grande livro de Drummond a sair depois dos poemas de *A rosa do povo*, de 1945 (houve em 1948 a bela mas pequena série dos *Novos poemas*), uma única voz teve coragem de atravessar a unanimidade. Não era propriamente de um crítico, mas de um sujeito que encarnava na vida brasileira, e deliciosamente, o papel de boca do inferno: Nelson Rodrigues. O autor de *Álbum de família*, conta Ruy Castro na biografia do escritor [...], aproveitou o lançamento na mesma época de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, para acertar com Drummond umas continhas que, a seu ver, tinham ficado para trás.

Num artigo em *Manchete*, que tinha surgido havia pouco, Nelson Rodrigues foi duro: “Como é pequenino o Carlos Drummond de Andrade depois de *Invenção de Orfeu*, Jorge de Lima encheu o Brasil de ex-grandes poetas”. Aparentemente, Drummond não ligou [...]. (CANÇADO, 2006, p. 245)

Jorge de Lima foi um reconhecido poeta alagoano, que iniciara com um estilo parnasiano, mas depois produziu uma obra mais próxima do Modernismo, que cativou o Anjo Pornográfico, que desdenhara de imediato qualquer outro poeta. O poeta Carlos Drummond de Andrade nunca respondeu às críticas de Nelson Rodrigues da mesma maneira. Parecia furtar-se de um debate mais acirrado, que certamente não renderia qualquer benefício a ambos. O Anjo Torto, segundo os biógrafos de ambos, sempre manteve uma postura discreta quanto aos episódios. Pouco tempo depois, as provocações do autor de *A vida como ela é...* cessaram. Tal fato leva a crer que suas funções, conscientes ou não, como propagadores de reflexões históricas eram maiores que pequenas discussões. No próximo capítulo as

questões abordadas nos anteriores estão presentes nos elementos que constituem as crônicas escolhidas para análise.

## 4 INSTANTES DE GLÓRIA & INFÂMIA

O futebol é a pátria, o poder é o futebol: *Eu sou a pátria*, diziam essas ditaduras militares. [...]

O futebol é o povo, o poder é o futebol: *Eu sou o povo*, diziam essas ditaduras militares. (GALEANO, 2009, p. 137)

### 4.1 Quando a literatura e o futebol jogam juntos

O texto do escritor uruguaio descreve ações de militares que se apropriaram do futebol e seus elementos para enaltecerem seus regimes: os generais Médici (do Brasil), Videla (da Argentina), Pinochet (do Chile) e García Mesa (da Bolívia). A citação à crônica de Eduardo Galeano (2009, p. 136) traça a reflexão necessária que será aprofundada neste capítulo: os detalhes das crônicas selecionadas serão discutidos, ao privilegiar os elementos que dialogam com a política nacional e o futebol brasileiro, a partir dos estilos de cada cronista, ponderando sobre as categorias em que foram classificados. No capítulo anterior, categorizaram-se e descreveram-se os estilos com as quais são percebidas algumas crônicas feitas pelos escritores. Neste capítulo, discutir-se-á como tais estilos se encaixam nas temáticas que envolvem o diálogo entre o futebol nacional e o regime político; o foco não é apenas o jogo e suas regras, ou a política e suas particularidades, mas sim a interessante alternância de posições entre os tópicos.

Quase sempre se nota, aparentemente, uma relação com conceitos universais valorativos, ou certas posições quanto ao contexto histórico-social no qual o texto se inseriu. Para tanto, reitera-se, entre os principais registros estão os textos que tratam de relações esportivas, entretanto, para além do próprio espetáculo dentro do campo, ou mesmo do estádio; a crônica – registro circunstancial, a cristalização de um instante, um gênero jornalístico, como se observou no capítulo introdutório, que várias vezes, com notoriedade de maneira intencional, quando produzida por “homens das letras”, se aproxima da veia literária, contudo, que não abandona o fato de ser um gênero muitas vezes atrelado a veículos de difusão rápida e cotidiana como o jornal ou a revista, além de, muitas vezes, também ser apresentado em coletâneas. O foco das crônicas e seus elementos implícitos são

levantados em discussões por diversas vezes e convida a discuti-los em suas profundidades, tendo em vista a repercussão literária dos escritores envolvidos.

Rer e, portanto, reinterpretar os eventos do passado por meio de outras lentes e opiniões, torna-se uma ação essencial na revisão do passado, ainda que muitas vezes seja marcado por mazelas da barbárie, todavia, permite observar a possibilidade de não repeti-lo, ou mesmo de instaurar, ou permanecer instaurando, alternativas mais adequadas às necessidades de um povo, como propõe Walter Benjamin: “A consciência de destruir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no momento da sua ação.” (2013, p. 18).

As crônicas tornam-se instrumentos de suma importância para rediscussões acerca de assuntos-problemas já debatidos diversas vezes, não apenas para os estudos da História ou da Sociologia, a Literatura também se propõe a tratar desta ferramenta-objeto única. Ao trabalhar diretamente com o estudo de crônicas esportivas em *Mil e uma noites de futebol* (2006), Marcelino Rodrigues da Silva, que aborda em tal pesquisa as crônicas de grande notoriedade para o futebol do irmão mais velho do dramaturgo Nelson Rodrigues, o cronista Mário Filho, atribui à imprensa esportiva atuações essenciais na elaboração dos sentidos que o futebol foi assumindo rapidamente nos grandes centros populacionais nas mais diversas partes do país. Marcelino Rodrigues da Silva, quanto à discussão desses sentidos, expõe:

[p]artindo de reflexões de Semiótica e Antropologia sobre os jogos e suas semelhanças com a linguagem e com os rituais, desenvolvi a hipótese de que os esportes possuem um simbolismo mais ou menos latente, que tende a se manifestar com maior intensidade nos espetáculos esportivos. Essa tendência decorreria do fato de que essa transformação provoca o surgimento de uma grande quantidade de discursos (as conversas entre os torcedores, os cantos das torcidas, os textos da imprensa, os programas de rádio e TV, o discurso publicitário, os trabalhos acadêmicos e artísticos etc.) que interpretam o jogo e atualizam seus sentidos de modo contextualizado. Permitindo o compartilhamento e a cristalização desses sentidos e transmitindo a eles a autoridade socialmente conferida à escrita, a imprensa esportiva teria, nesse processo, um papel fundamental. (SILVA, 2006, p. 21)

A exposição de Marcelino Rodrigues da Silva sobre os estudos a respeito dos sentidos que o futebol pode assumir, além da multiplicidade dos discursos aos quais está submetido, por meio da veiculação e leitura de crônicas, e também da reflexão sobre estas, que transmitem sua atmosfera, encontra paralelo com a

afirmação do escritor Eduardo Galeano, calcada na proposta de que há mais um sentido notório se sobressaindo sobre os demais: a sacralização do esporte como meio de afirmação de uma comunidade ou grupo específico, normalmente à margem das maiorias detentoras dos poderes políticos, em que o futebol, ou qualquer outra prática já “enraizada”, atrela-se à tradição de uma sociedade:

[n]o futebol, sublimação ritual da guerra, onze homens de calção acabam sendo a espada vingadora do bairro, da cidade ou da nação. Estes guerreiros sem armas nem couraças exorcizam os demônios da multidão e confirmam sua fé: em cada confronto entre duas equipes, entram em combates velhos ódios e amores herdados de pai para filho. (GALEANO, 2009, p. 24)

A metáfora da guerra a qual os espetáculos esportivos estão associados é determinante para a compreensão desta afirmação proposta e, nesse ponto, o papel do cronista, não obviamente esportivo, é crucial na disseminação dos muitos sentidos que o esporte inevitavelmente carrega: seja para afirmá-los, refutá-los ou submeter-lhes à revisão. A cristalização desses sentidos está, diversas vezes, relacionada aos espetáculos esportivos amplamente divulgados e comentados em crônicas de cunho esportivo expressas, muitas vezes, nos periódicos da época. Em outro ponto de vista presente no livro do jornalista Roberto Sander, *Sul-Americano de 1919*, o autor escreve, com base em jornais e documentos da época, sobre o momento histórico e o maior torneio internacional da América do Sul do período, em que ocorreu a primeira grande conquista da seleção de futebol do Brasil:

[a] multidão, depois de muito aplaudir o desempenho da equipe, deixou o estádio completamente arrebatada. Um estranho orgulho de ser brasileiro meio que silenciosamente se embrenhava em toda aquela gente. E tudo por causa de um jogo de futebol. Todos queriam mais. (SANDER, 2009, p. 52)

A relação entre crônica e fotografia, momento capturado pela eternidade, pode ser notado como exemplificação na obra de Roberto Sander, que apresenta diversas fotografias do torneio sul-americano e de espaços cariocas. No tópico posterior, as crônicas selecionadas ocuparão o centro das discussões a serem levantadas, a partir das premissas comentadas nos capítulos anteriores. Todos os textos escolhidos carregam elementos que vão para além do futebol como apenas um esporte de massas, ou da Ditadura Militar como mais uma panorâmica política

de nossa história – sugerem a revisão de fatos, filtrados pela opinião de literatos que dispunham à produção de crônicas, além do reconhecimento adquirido na atuação em outras atividades literárias.

#### 4. 2 Crônicas angelicais

Como já estabelecido, a crônica de conteúdo literário tem em sua composição fragmentos e vestígios do cotidiano, contudo, que são transfigurados, a partir do instante que redimensionam a realidade do dia-a-dia, pela habilidade criadora da arte. Como propõe Moema de Castro:

[t]raz, no envolvimento da forma conotativa, - forma trabalhada pela inversão, pela ambiguidade, ou pela sátira, ou pela ironia, ou pela transfiguração ou pela poesia, recursos, todos, ou de fono ou de morfo-sintaxe, ou de semântica poética – traz, pois, a réstea da realidade apanhada numa ótica pessoal e emocional. Como todo texto literário, impõe-se pela *forma*, síntese da unidade dialética *forma-conteúdo*, veículo do que se pretende expressar. (OLIVAL, 2002, p. 20)

A partir das considerações anteriores, para análise, apresentar-se-ão alguns trechos das crônicas escritas por Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade sobre futebol, que foram desenvolvidas com alguns assuntos em comum: política e sociedade. As oito crônicas escolhidas são: “Seleção de Ouro”, “Parlamento da Rua”, “Brasil vitorioso na Copa terá solução democrática”, “Entre céu e terra; a bola”, todas do livro *Quando é dia de futebol*, e “João Sem Medo”, “Guerra suja, tão suja”, “O entendido”, “Salvo pelo ridículo”, e “Dragões de espora e penacho”, todas publicadas na obra *À sombra das chuteiras imortais*.

Frisa-se que a escolha dos textos ocorreu pelos temas tratados e da forma como são apresentados. Por vezes, de maneira implícita e poética, por outras de maneira mais latente, com voz de indignação de sujeitos íntimos às construções políticas do momento histórico em que viveram, participaram e desenvolveram suas produções literárias. E, por outra, nos convidam a fazer parte de seu olhar – por meio da crônica –, se insinuam sobre os leitores; os textos dos “anjos em terra”, portanto caídos, precipitam na opinião alheia, como o *dybbuk* judaico, discutido no capítulo anterior, que precisa de um corpo, um hospedeiro para ter o que já teve; vida.

#### 4.2.1 BREVE CRONOLOGIA DO PERÍODO DITATORIAL (1964-1985)

Entre os diversos desdobramentos ocorridos no período ditatorial, apresentam-se alguns dos principais acontecimentos nos mais de vinte anos de Ditadura Militar, muitos destes já discutidos no primeiro capítulo, também são referências na compreensão dos trechos das crônicas que serão apresentados.

Em 1964, no último dia do mês de março, o golpe político-militar depõe o então presidente João Goulart (PTB). É promulgado o Ato Institucional nº 1, um decreto editado pelos militares que prevê a suspensão dos direitos políticos dos opositores ao regime por uma década. Humberto de Alencar Castelo Branco (ARENA) assume a presidência da República.

No ano de 1965, são extintos os diversos partidos políticos existentes e institui-se o bipartidarismo, com a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), de apoio ao governo vigente, e o de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

O regime segue impondo-se, e em 1966, ocorrem as suspensões das eleições diretas para os cargos executivos, e muitos deputados federais têm seus mandatos cassados. O Congresso Nacional, ao iniciar um protesto, tem um recesso, por um mês, imposto.

Em 1967, o Artur da Costa e Silva (ARENA) assume o cargo de presidente da República. Os líderes opositores fomentam a ampliação de uma frente contra o governo vigente. Intensificam-se as mobilizações estudantis.

O ano de 1968 inicia o período de intensificação do controle do governo militar. A frente de oposição que sofre forte repressão, recebe mais uma derrota: é promulgado o Ato Institucional nº 5, novo decreto editado, é o marco do endurecimento do regime.

Em 1969, o presidente Costa e Silva se afasta da presidência da República por motivos de saúde. Assume uma junta dos ministros militares de forma provisória o governo nacional. A alta cúpula das Forças Armadas elege o general Emílio Garrastazu Médici (ARENA) para assumir a presidência.

O ano de 1970 é marcado pela intensificação da oposição ao regime militar. Atuações de guerrilhas, chamadas de “terroristas” pelo governo e imprensa, na cidade e no campo, promovem reações violentas dos militares. Aumentam os rumores de mortes, desaparecimentos e torturas de opositores.

De 1971 a 1974, as guerrilhas são fortemente reprimidas pelo governo. Dissemina-se que o país experimenta um momento de desenvolvimento na economia e infraestrutura, que fica conhecido na história como "o milagre econômico brasileiro". A oposição reage ao afirmar que a economia cresceu, todavia, houve o aumento da dependência da importação do petróleo e do capital externo, além do aumento considerável das desigualdades sociais. Ernesto Beckmann Geisel (ARENA) assume a presidência da República, entretanto, o MDB arrebatou uma vitória de grande expressão no pleito legislativo.

Entre os anos de 1975 a 1977, o general Geisel passa a representar a ala moderada do regime militar, promover uma abertura lenta, mas acaba por enfrentar seus próprios aliados. A economia passa a enfrentar sinais de crise, principalmente por causa do aumento do preço do petróleo e da dívida externa. A sociedade civil passa a reivindicar, efetivamente, a recuperação dos direitos democráticos.

De 1978 a 1980, fica claro que a maior parte dos militares está disposta à "redemocratização". O AI-5 é revogado. João Baptista de Oliveira Figueiredo (PDS, antiga ARENA) assume a presidência da República. É aprovada a Lei da Anistia. Centenas de exilados retornam ao país; o pluripartidarismo, não mais apenas dois, é restabelecido. A crise econômica aumenta. Intensificam-se as greves e manifestações em diversas partes do país. São fundados o PDT e o PTB.

No ano de 1981, seguem as divergências internas entre as alas radical e moderada nas Forças Armadas. O general Figueiredo, então presidente, sofre um infarto, e o poder passa a um civil, Aureliano Chaves, pelo breve período de três meses.

Entre os anos de 1982 a 1984, o governo militar já está preparado para devolver a democracia à população, ocorrem eleições diretas para governadores e prefeitos, com vitória da oposição em diversas unidades federativas, entre elas, os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O Partido dos Trabalhadores obtém seu registro na Justiça Eleitoral. Com dívidas exorbitantes junto aos credores externos, o Brasil vai ao FMI. Ocorrem diversas campanhas por eleições diretas para presidente da República, que tencionam grupos divergentes em todo país – o movimento "Diretas Já". A Emenda à Constituição é votada com esse intuito, todavia, não é aprovada no Congresso.

Em 1985, o regime militar chega ao seu fim. De maneira, ainda, indireta, o civil e oposicionista Tancredo Neves (PMDB) é eleito presidente da República.

Entretanto, com sua morte antes de tomar posse, assume seu vice, José Sarney (PMDB).

#### 4.2.2 VOOS TORTOS

Os textos escolhidos de Carlos Drummond de Andrade são permeados por metáforas, sarcasmos e ironias. O Anjo Torto traça um caminho sinuoso para o leitor, que descuidadamente poderia até notar uma despreocupação com a realidade brasileira que circundava o autor. Obviamente, neste ponto que se nota uma preocupação supostamente despreziosa, mas que de fato transcorre uma opinião, mensagem, implícita do quanto se incomoda com o que ocorre ao seu redor; no cotidiano do Brasil. E discretamente atinge o leitor mais atento com sua opinião. Os textos eleitos do poeta mineiro para discussão foram publicados nos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, jornais reconhecidos por não apoiarem tão diretamente a implementação do golpe civil-militar de 1964.

Iniciando com a crônica “Seleção de ouro”, publicada em 20 de junho de 1962 pelo *Correio da Manhã*, a ligação entre política e futebol aparece como temática principal. Quando o cronista Carlos Drummond de Andrade saúda os campeões de 1962 há nitidamente a presença de engajamento político no texto do escritor, atrelado ao esporte, e um perceptível sarcasmo na associação dos dois fatos: a conquista do bicampeonato mundial de futebol ocorreu no instante em que intensa problemática se fazia presente na escolha dos novos ministros do Congresso:

A vitória da Seleção Brasileira na Copa do Mundo lavou os corações, desanuviou os espíritos, entusiasmou as filas, uniu os desafetos e tornou possível a solução imediata dos problemas que nos afligem. Não há hesitação possível. Ou tiramos deste triunfo as conseqüências que comporta, ou desperdiçamos a última e grande chance oferecida por Deus, talvez um tanto fatigado de ser brasileiro. Este bi veio na hora H. Os políticos procuram um rumo para a nação e não o encontram, ou querem encontrá-lo fora do lugar. A mudança do Gabinete, que devia ser caso de rotina, assumiu ares de problema grave, e ninguém sabe como compor a nova equipe dirigente. Ninguém? É exagero. (...) Reparem que o Gabinete se compõe de treze ministros mais um presidente de Conselho. Nossos onze campeões são quatorze, inclusive Pelé, o técnico Aimoré e o Dr. Gosling. Trata-se de um Ministério escolhido pelo destino, e é só dispor cada homem na posição correta (...) Espero que o PSD, UDN e o PTB, ex-donos da bola, não me venham com reivindicações

bobas. Este é o Ministério de união nacional. (ANDRADE, 2002, p. 51)

O escritor Carlos Drummond de Andrade insere a relevância do título para falar da questão política que compunha o contexto nacional naquele momento, a oposição entre PSD (Partido Social Democrático) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) à UDN (União Democrática Nacional), do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) à ARENA (Aliança Renovadora Nacional) – e vice-versa; A de se lembrar de que os três primeiros serão suprimidos com o bipartidarismo instaurado em 1965. A metáfora de Drummond pode ser traduzida pela afirmação de Leonardo Affonso Pereira: “Construídas de cima para baixo, as grandes formulações sobre a história do país ganham, nas histórias habitualmente contadas sobre o futebol, a sua mais perfeita tradução.” (PEREIRA, 2000, p. 87). Um mês após a conquista da Copa do Mundo no Chile, o Brasil passou por uma mudança crucial naquele início década de 1960, o até então primeiro-ministro Tancredo Neves renunciou ao cargo, causando um grande desconforto no cenário político nacional, até a escolha daquele que seria o último a assumir o cargo da presidência antes do Golpe de 1964, João Goulart.

A incerteza da postura do cronista, diante dos fatos expostos, conduz o leitor à via sinuosa do “anjo torto”: entusiasmado como a maioria dos brasileiros com aquela conquista, todavia, preocupado como poucos. O que reflete grande intimidade do cronista com o panorama político do momento é o fato de que a crônica fora escrita um mês antes da instauração da problemática já pré-anunciada.

Na próxima crônica, percebe-se uma discussão sobre a polêmica da “opinião popular” ou “geral”, assim adentra um campo polêmico àquela altura do período: a democracia, que é desenvolvida como uma discreta metáfora no texto “Parlamento da rua”, crônica publicada no *Jornal do Brasil*, no dia 02 de fevereiro de 1974, em que o cronista inicia comentando sobre o susto que tivera ao ouvir a exclamação “- Salve, a opinião pública!”, notara que se tratava de um espaço de torcedores do Botafogo, que deflagravam seus “pensamentos livres” a todos que quisessem ouvir e participar:

[c]ada torcedor tem a sua ótica, a sua concepção, a sua verdade. Amam todos o mesmo clube, mas de maneiras distintas, e divergem, profundamente, na apreciação dos fatos, das técnicas de jogo, sobretudo das pessoas: cartolas, técnicas, atletas que podem servir à *grandeur* ou à *servitude* do objeto de sua paixão.

A banca do Botafogo, como as de outros clubes, é precisamente isto: um parlamento aberto, agitado, crítico, funcionando com absoluto desembaraço, vozes saudavelmente altas, que não deixam passar em silêncio qualquer aspecto do problema em debate. Desse confronto de pontos de vista, nem sempre sai a luz, mas vez por outra os deputados do povo (pois são deputados de imensa faixa popular, distribuída entre as agremiações cariocas) chegam a resultado positivo: deliberam por maioria, senão por unanimidade, que esta nunca é boa em democracia; há sempre necessidade de um espírito-de-porco, símbolo de individualismo renitente.

Foi uma dessas deliberações, bem visível porque exposta em cartaz manuscrito, entre as revistas do jornaleiro, que me arrancou o grito de entusiasmo cívico:

– Salve, opinião pública!

[...] Ressalto apenas o sentido democrático da manifestação, assimilável aos pronunciamentos que são de rotina política em nações européias e nos Estados Unidos, através dos quais a opinião pública estabelece o julgamento de personalidades e fatos, e cobra mudanças. [...] A resistência dos dirigentes à opinião pública é a outra face da medalha, no jogo (pois tudo é jogo, esportivo ou não) entre poderes. Ainda agora, num plano mais amplo que o do futebol, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha enfrenta a pressão dos mineiros em luta por melhores salários. Trabalhadores de um lado, Gabinete do outro, as razões deste e daquele campo são expostas com toda nitidez, para quem quiser ouvi-las e balanceá-las. [...] Essas repúblicas do futebol exercem a liberdade de expressão, a céu aberto, e a cartolice dos dirigentes não passa incólume pela vigilância dos torcedores, armados de boas ou sofríveis razões, mas sempre razões. Viva a liberdade de pensamento, viva a opinião pública, mesmo com iniciais minúsculas – mas tão bela, sempre. [...] (ANDRADE, 2002, p.127-129)

A crônica anuncia uma particular discussão sobre o Botafogo, que havia realizado boas campanhas nos campeonatos que disputara um ano antes, mas que renunciava não ir bem no ano seguinte; a escolha do time pode ter sido acidental, mas não deixa de ser interessante quadro comparativo entre a mudança de governo no Brasil: a saída do General Emílio Garrastazu Médici, que finalizara seu mandato reconhecido como o auge do regime, e a posse de Ernesto Geisel, que iniciara a “abertura política”. Entretanto, o que salta aos olhos do cronista é a discussão democrática, em público, e não em gabinetes ou câmaras fechadas. A intenção inicial perde foco no decorrer do texto, em que rapidamente encontra-se a discussão norteadora: a democracia. E para fortalecer o discurso, ainda cita um fato no Reino Unido, não á toa, berço do futebol moderno. É possível que nem todos os leitores pudessem fazer a relação direta que a crônica propunha ao citar o fato, contudo, é salutar que sua exposição enalteça o quanto os reflexos políticos e esportivos

podem ser fundidos na construção do debate quanto à democracia, naquele momento do regime militar, tão discutida.

A crônica data de fevereiro de 1974 e no mês seguinte desse mesmo ano o Campeonato Brasileiro de futebol apresentava um critério curioso de desempate para classificação à segunda fase: o de melhor público. Fato que acabou por beneficiar o clube Fluminense do Rio de Janeiro e o Nacional do Amazonas. No início desse mesmo ano, o general Geisel assumira o governo que prometia a volta à democracia; em um processo que seria seguro e gradual. Isso incluía, dentre outras medidas, parcialmente, a suspensão da censura nos meios de comunicação, bem como a revogação em parte dos mecanismos mais alarmantes da coerção legal existentes no quadro das leis que vigorava naquela época.

Nas duas crônicas já discutidas nota-se o entrelaçamento entre política e futebol, diálogo que já se percebera desde o período do governo de Getúlio Vargas: “Afim, como um simples esporte poderia ter força suficiente para atrair todas as atenções, transformando-se em um problema nacional?”, questiona Leonardo Affonso Pereira (2000, p. 13) ao referir-se à preocupação de Getúlio Vargas com a agitação popular em relação à Copa de 1938:

Ao registrar as impressões causadas por cada um dos jogos brasileiros naquela Copa do Mundo, Getúlio mostrava-se atento para o grande potencial articulador do futebol: revelando-se capaz de levantar paixões e ódio, ele assumia a feição de uma força motriz da nacionalidade. (PEREIRA, 2000, p. 14)

A usurpação de sentidos que muitos políticos brasileiros estabeleceram entre o governo e a seleção nacional surgiria, proporcionalmente, à medida que conquistas eram alcançadas pela seleção brasileira em 1958, 1962 e 1970, que se tornara um instrumento essencial na disseminação de um ideal político-partidário. Fora a primeira seleção nacional a conquistar três vezes o campeonato mundial da FIFA. O problema diante do presidente Getúlio Vargas encontraria solução no governo militar, que fez diversas saudações à vitória brasileira, associando-a diretamente ao regime. O cronista nota a relação também composta em seu tempo, e a descreve. Observemos a crônica “Brasil vitorioso na Copa terá solução democrática”, publicada no dia 23 de maio de 1978 no *Jornal do Brasil*:

A volta do país à normalidade democrática não depende em absoluto do resultado das eleições de novembro e da vitória da Arena – assegurou ontem em Brasília alta fonte política. Muito antes de se disputar a eleição assistiremos ao desfecho da crise institucional, que terá solução satisfatória se a Seleção Brasileira conquistar em Buenos Aires o divino caneco.

Ainda segundo o informante categorizado, se os nossos atletas trouxerem para o Brasil o conforto da vitória, um movimento popular irreprimível indicará o técnico Cláudio Coutinho para Presidente da República, e o General Geisel não fará objeção a essa indicativa, pois sempre foi seu desejo terminar o mandato em plena harmonia com os anseios e aspirações do povo. O General Figueiredo, por sua vez, terá um *beau geste*, pedindo à Arena que retire sua candidatura e satisfaça a aspiração geral.

Escolhido Coutinho, por unanimidade, para suceder a Geisel, é provável que Reinaldo seja seu ministro da justiça, e que outras pastas caibam a Zico, Rivelino, Cerezo e demais jogadores que se houverem destacado na Copa.

Coutinho no Governo fará a pacificação nacional até a seguinte Copa do Mundo, e se os brasileiros continuarem a vencer, o país será o mais feliz, sobre a face da Terra.

Mas se não formos bem-sucedidos na Argentina? – indagou a reportagem.

A fonte categorizada respondeu que nada tinha a dizer, pois não é técnico em explosões. (ANDRADE, 2002, p. 149-150)

Ao utilizar-se de uma anedota sobre uma suposta entrevista que é contada, a preocupação do escritor da crônica jaz aparentemente dividida, que a associa a um fato político: na seleção brasileira e na composição dos gabinetes; certamente uma preocupação compartilhada por muitos brasileiros naquele momento. E posteriormente, há de se notar, aponta a preocupação dos militares, quanto à atuação da seleção, como se a última representasse os primeiros: e a disposição da população depende univocamente disto. Ainda estabelece um fato histórico; os “atentados terroristas”, quando fala das explosões, são óbvios os motivos, já que não necessariamente se refere aos “grupos terroristas”. Mas também à reação violenta de militares da ala radical quanto às mudanças políticas que se promoviam naquele ano; a última interrogação, e a resposta seguinte, expõem claramente a preocupação sarcástica do Anjo Torto. No último dia do ano de 1978, o General Ernesto Geisel envia ao congresso a emenda institucional que iria pôr fim ao AI-5.

O diálogo entre futebol e política mantém-se em outro texto, nota-se mais uma vez a configuração tortuosa do sentido inicial, mas que observadamente vai compondo uma sutil crítica ao panorama político diante da Copa do Mundo. Observemos a crônica “Entre céu e terra, a bola”, escrita em 24 de junho de 1982

para o *Jornal do Brasil*, nesta crônica, o escritor inicia relatando o quanto os santos do mês junino perdem espaço em um ano de Copa do Mundo, dado o fato que a competição normalmente é jogada nos meses de junho e julho. Prossegue afirmando que os “santos”, na percepção popular, segundo o cronista, seriam os jogadores Éder, Sócrates, Toninho Cerezo, Paulo Isidoro, Zico e Oscar. Depois inicia diálogos com a política e o ano eleitoral, quando postula que não há unanimidade na escolha dos santos, os jogadores, bem como não há entre as discussões internas de um mesmo partido político, no caso o PDS, que preterira a candidatura de Magalhães Pinto, em favor da de João Marcos para o governo de Minas Gerais, posteriormente começa a discutir sobre as candidaturas à Presidência da República:

[n]ão existindo dois céus paralelos, o espaço principal nas alturas há de ser ocupado, na primeira fila, por São Tancredo ou Santo Eliseu. Os que manuseiam o Antigo Testamento ponderam que Eliseu não pode ser santificado, pois sua condição bíblica é a de profeta, e como tal anterior à era cristã. Mas seus devotos não acham graça na idéia de renderem culto a São Tancredo, que ameaça promover grandes mudanças num Paraíso ocupado há longos anos pela mesma seita religiosa, que naturalmente não deseja perder seus cômodos. [...] Se ouvimos o espocar de fogos, não é mais em homenagem a um deles, mas simples recurso de propaganda eleitoral. Muita gente ainda considera o foguete bem fabricado e lançado na ordem certa o melhor sucedâneo de idéias e projetos que o candidato não teve tempo ou gosto de formular. Os fogos de artifício, então, nem se fala. Valem por um bom programa de Governo, com a vantagem de não enganarem ninguém: são mesmo de artifício. [...] E a pesca de um lugar ao sol anda cada vez mais problemática, entre o subemprego e o desemprego reinantes. [...] Mais do que política, o futebol tomou conta do mês de julho, a menos que, com a provável vitória da Seleção Brasileira na Espanha, ele ocupe a atenção e a emoção dos brasileiros até o final de dezembro, se não preferir fazê-lo durante os próximos quatro anos ou mesmo até a consumação do século [...] Se o fascínio desse esporte alcança indistintamente todas as idades e classes sociais e se é difícil o conagraçamento nacional em torno de um modelo de organização social e política do país (e tal modelo ainda não foi concebido satisfatoriamente), resta-nos encontrar o ponto de convergência na única realidade aceita unanimemente entre nós: a bola e suas espetaculares evoluções determinadas pelos nossos invencíveis atletas. [...] O Dr. Maluf presume-se jogador de qualquer posição, capaz até de, como goleiro, fazer gol ao devolver a bola, mas uma sólida marcação pode travar-lhe o ímpeto. Lula ensaia os primeiros chutes como artilheiro, Jânio deixou de ser confiável ao abandonar o campo nos primeiros minutos do jogo, e os generais pré-candidatos parece que embolarão o meio-campo no afã de ocuparem a mesma área, que não dá para todos.

No momento, o público pagante e exultante não está a fim de celebrar os santos de junho nem de assistir às mágicas reformistas do Governo, que perde longe para o circo Tihany. O pessoal não está presente. Está em Sevilha, vibrando. Junho de 82 é um mês diferente de outros junhos. [...] Bola pra frente, os santos que nos desculpem, e os candidatos também. (ANDRADE, 2002, p. 175-177)

Apesar de o início do texto ter colocado de lado os santos católicos do mês junino, a alegoria da santidade permeará todo o texto, como sugere o título; seja ao falar dos jogadores de futebol ou dos políticos. Em seguida ressalta a popularidade do PMDB, antigo MDB, em relação às eleições que se aproximam; nas palavras do cronista estaria para instaurar uma “nova ordem” no “paraíso”. Em 1982, ano da publicação da crônica, a redemocratização propiciada pelos militares ganhava contornos mais perceptíveis: o Partido dos Trabalhadores obtém registro definitivo, ocorrem eleições diretas para governadores, senadores, prefeitos, deputados federais e deputados estaduais.

Em seguida, a crônica retoma a temática do futebol, e de como este consegue ser o centro das atenções e esperanças do povo brasileiro, independente da classe social, tendo em vistas as expectativas quanto à seleção brasileira daquele momento; que fora muito bem durante todo o mundial, mas que não conseguiu passar pela Itália na fase semifinal. O texto segue ao citar duas figuras presentes em nosso contexto político atual que já possuíam reconhecimento naquele período; o político Paulo Maluf e o sindicalista Luís Inácio Lula da Silva. No final, o cronista retoma a alegoria vista na crônica selecionada anteriormente, na qual fala das bombas, aqui tratando dos fogos do mês de junho; reitera sobre os “fogos de artifício” já utilizados pelo governo militar, seja metaforicamente ao falar da violência implícita que consumira a sociedade, ou, literalmente, da barbárie perpetrada pelos contrarrevolucionários. O Anjo Torto finaliza, ao dar sarcasticamente ao futebol a importância máxima daquele momento, desdenhando do simbolismo religioso e das preocupações políticas; uma notória subversão típica do *dybbuk* judaico.

#### 4.2.3 O ÓBVIO ULULANTE

O “óbvio ululante” fora uma das muitas expressões popularizadas criadas por Nelson Rodrigues: o óbvio gritante em tom de lamentação. Nas crônicas

selecionadas do Anjo Pornográfico, perceber-se-ão os elementos que se escondem em textos que se propõem flagrantes em suas posições críticas, ou polêmicas; o implícito dito no explícito – justificando o título do subcapítulo que inverte a expressão rodrigueana –; o quanto poderia ser crítico, ou antagônico, aquilo outrora percebido como “obviamente conservador”. Não sem razão, as crônicas escolhidas do Anjo Pornográfico foram publicadas no jornal *O Globo*, notório por ter apoiado a instauração do regime militar.

Nas crônicas de Nelson Rodrigues, diversas personagens “surgem”, fictícias ou não, e se repetem contínuas vezes. Uma delas é João Saldanha, por quem Nelson Rodrigues nutria grande respeito e admiração, algo que era de grande estranhamento; o treinador fora reconhecido militante do Partido Comunista Brasileiro, e o Anjo Pornográfico não se furtava a desdenhar dos “marxistas de galinheiro”. Como exemplificação e alvo de discussão, escolhemos a crônica “João Sem Medo”, publicada no jornal *O Globo* em 06 de novembro de 1969, que anunciara a escolha de João Saldanha para o cargo de treinador da seleção brasileira de futebol. De início, o cronista exulta o quanto está cansado de ver pessoas que são admiradas por seus defeitos, e em seguida afirma o quanto contribuiu para a escolha do novo técnico:

[A]migos, não acreditem, pelo amor de Deus, que as qualidades influem no amor. Influem pouquíssimo ou nada. [...] João Havelange e Antônio do Passo tiveram um momento de lucidez ou mesmo de gênio, um momento digno de um Disraeli, e o chamaram. Ao ter a notícia, berrei: – “É o técnico ideal!”. Um amigo meu, bem pensante insuportável, veio me perguntar: – “Você acha que o João tem as qualidades necessárias?”. Respondi: – “Não sei se tem as qualidades. Mas afirmo que tem os defeitos necessários”. [...] Por exemplo: – é furioso. Não acendam um fósforo perto dele que o João explode. E aí está o primeiro e maravilhoso defeito: – uma Copa do Mundo é uma selva de gângsteres. Dirão que é exagero. Exagero, uma ova. Perdão. Exagero, vírgula. Tudo é possível na Jules Rimet, menos uma boa ação. Portanto, se o João é um Tartarin ou, melhor dizendo, se cospe mais fogo que o dragão de São Jorge, melhor para o Brasil. O técnico não precisa apenas entender de bola. Antes de mais nada, precisa ser um guerreiro. Outro defeito: – ele fará qualquer negócio para o Brasil ser campeão do mundo e voltar com o caneco de ouro. Dirão vocês: – “Mas é feio!”. Ora, ora. Desde quando o bonito ganhou a Copa? De mais a mais, só os subdesenvolvidos têm escrúpulos. [...] Mais outro defeito do João: – doutrinou o escrete para não levar desaforo para casa. Os lorpas, os pascácios, os bovinos hão de perguntar: – “E a esportividade?”. Respondo que, na Copa, a esportividade é uma piada de necrotério. [...] Mais um defeito do Saldanha: – a dionisiaca,

e ao mesmo tempo, santa molecagem carioca. Foi para a Europa estudar os adversários. Mas lá não perdeu tempo. Pôs a boca no mundo: – “O futebol europeu é uma carnificina!”. Disse, ou por outra, berrou isso em todos os idiomas. Hoje, até os esquimós sabem que, na Europa, os jogadores bebem o sangue dos adversários como groselha fosse. Ora, o que o Saldanha está fazendo, de país em país, é um terrorismo bárbaro. Está coagindo os europeus, e todos os concorrentes. Se há um *foul* modesto ele espalha aos quatro ventos: – “Assassinato! Assassinato!”. Já os juízes de 70 estão acuados. Não queiram saber o que o João fará no próximo Mundial. Ele fez a advertência mundial: – “Meu jogador não dará o primeiro tiro. Mas, se começarem, nós vamos acabar com a guerra”. E os europeus, uns latagões, com uma saúde de vaca premiada, já tremem diante do João e já começam a sentir um prévio e insuportável sentimento de culpa. Creiam que, com os defeitos de “João Sem Medo”, o Brasil ganhará a Copa. (RODRIGUES, 1993, p. 152-154)

Em mais uma crônica carregada de entusiasmo, bem ao estilo do autor, Nelson Rodrigues inicia comparando os dirigentes da antiga Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, que até aquele momento dirigia o futebol antes do surgimento da Confederação Brasileira de Futebol, a CBF, ao antigo líder do conservadorismo inglês do período da Rainha Vitória, Benjamin Disraeli, para fazer-lhes um elogio quanto à escolha de João Saldanha para técnico da seleção brasileira. E, logo em seguida compara o eleito a Tartarin de Tarascon, a personagem principal da novela de mesmo título de Alphonse Daudet, escritor naturalista francês; estilo naquela época polêmico e denunciativo, mas que poderia ser validador de teorias que segregavam. O Anjo Pornográfico lança uma comparação que se opõe, sutilmente, em ideologia, a outra posteriormente sugerida; o aspecto latente é percebido e sobrepujado pelo implícito que se torna explícito no desenvolver da crônica.

Se a personagem de Daudet é utilizada para identificar o “João Sem Medo”, a direção do futebol brasileiro da época tem, para a crônica, ares aparentemente positivos do conservadorismo inglês da era vitoriana, a vanguarda do imperialismo britânico. E esse efeito antagônico resultará em fatos que marcam a crônica seguinte que se observará.

João Saldanha foi técnico da seleção brasileira por pouco tempo e, quando saiu, não muito depois, e pouco antes da Copa do Mundo de 1970 no México, Nelson Rodrigues escreveu uma crônica em 19 de março de 1970, publicada no jornal *O Globo*, em que critica fervorosamente a atitude da Confederação Brasileira de Desportos em afastar o técnico que deu a classificação ao Brasil para o Mundial.

No início do texto ressalta o quanto já expusera sobre as mazelas, “os críticos”, que interferiam na opinião pública a respeito da seleção brasileira e o quanto tinham sido responsáveis pela retirada de João Saldanha do cargo de técnico da seleção, pois, segundo o , já não desejavam sua permanência desde o início, a partir do momento que havia aceitado tal função depois do convite de João Havelange e Antônio do Passo, dirigentes da CBD naquele período:

[e] se juntaram todas as invejas, todas as frustrações, todos os interesses contrariados. [...] – a escolha de um técnico para uma função técnica. Não fora um ato político, nem do Havelange, nem do Passo.

Dias depois, encontro-me com o Havelange no Cartum. [...] Saudei-o assim: – “Foi um lance de estadista”. Diga-se de passagem que a maioria da imprensa era contra; e assim a quase unanimidade do rádio e da TV. Mas o povo estava com o João. [...] Mas o profissional da imprensa, do rádio, não lhe dizia “bom-dia” sem lhe pingar veneno. [...] Assim em todo o Brasil. Há dois ou três dias, um jornal de Curitiba abriu a manchete terrorista: – “Preso João Saldanha”. Outros vinham me soprar lúgubres: – “Na primeira derrota, o João cai do cavalo”. [...] – “Por que essa gana de tantos contra um só?”. Vejamos. Primeiro, por que ele não tem medo. Nada nos humilha mais do que a coragem alheia. Segundo, porque passou a ser o homem mais promovido do Brasil. Ainda agora, vimos a força do seu nome e de sua lenda. Seu incidente, em São Conrado, coincidiu com o sequestro do cônsul japonês. [...] Os jornais falavam do João, e de uma forma tão obsessiva, que parecia ele o sequestrado, ele o raptado.

Terceiro, por que havia o terror de que voltasse, do México, com o caneco de ouro, para sempre. [...] Mas cada notícia sobre o Saldanha era, normalmente, uma intriga vil. As manchetes faziam um descarado terrorismo contra o técnico. [...] Mas repito: – “Porque, por quê?”. O Salim Simão explica-me que Saldanha tornara-se poderoso demais. [...] ele era maior do que a CBD, do que as federações, do que as forças ostensivas ou obscuras que manipulavam o nosso futebol. [...] – não podiam admitir que ele fosse maior do que uma estrutura laboriosamente criada e mantida. E ainda seria muito maior e muito mais forte se voltasse com o caneco de ouro. Teria então meios de transformar a nossa realidade esportiva. [...] Ah, foi uma guerra suja de tantos contra um só. Guerra digna do nosso vômito. (RODRIGUES, 1993, p. 161-164)

A figura política e social de João Saldanha se transformara em um objeto folclórico no futebol brasileiro, e tornara-se insuportável para a política nacional; João Saldanha era visto como simpatizante do comunismo, mesmo estando nitidamente afastado do meio político durante sua atuação como treinador. O texto comenta sobre o polêmico incidente em que João Saldanha havia ido armado tomar

satisfações com o técnico do Flamengo, que tivera lhe criticado duramente na imprensa; o ocorrido, segundo o autor, teria ganhado proporção tamanha, dada à figura emblemática do técnico da seleção na crônica posto como vítima, que a atuação por parte de militantes opositores ao regime ditatorial com o sequestro do cônsul japonês Nobuo Okuchi, com vistas à troca de sua liberdade pela de cinco presos políticos, teria tido menor repercussão na imprensa nacional.

O cronista pernambucano que tantas vezes elogiará os esforços dos gabinetes em manter a ordem nacional, desta vez, sugere uma crítica às “forças mantenedoras da ordem”, mas que também, nota-se, retira a culpa como sendo dos governantes ou burocratas; a culpa estaria na própria crônica esportiva, seja de jornais ou rádios, da qual afirma não participar. Para enfatizar tal posição, a crônica “O entendido salvo pelo ridículo”, publicada no jornal *O Globo* de 10 de junho de 1970 cabe adequadamente. Inicia a crônica, além de comentar a falta de autoestima dos brasileiros, da conhecida Passeata dos 100 Mil, protagonizada pela elite conservadora brasileira, que, de acordo com o Anjo Pornográfico, se encontra fracassada por não ter o povo ao seu lado e aponta o motivo, que além de não ser composta por operários, “favelados” ou “um único e escasso preto”, tinha os “filhos, pais e mães da grande burguesia”; a elite brasileira:

[e] sabem por que e para que se reunia tanta gente? Para não falar no Brasil, em hipótese nenhuma. [...] Falou-se em China, falou-se em Rússia, ou em Cuba, ou no Vietnã. [...] Simplesmente, o Brasil não existe para as nossas elites. Foi essa a única verdade que trouxe, em seu ventre, a Passeata dos 100 Mil. [...] Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil. [...] Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. [...] uma razão de autoestima. [...] É todo um segredo, um misterioso, um profundo trabalho de gerações. Até que, um dia, há o milagre: – juntam-se, então, no mesmo time, um Pelé e um Gérson, um Rivelino, um Jairzinho. Vocês viram o nosso gol contra a Inglaterra. [...] Começou em Tostão, que passou a Paulo César. Paulo César novamente a Tostão. [...] Tostão vira-se e entrega a Pelé. Três adversários envolvem o sublime crioulo. Este, rápido, empurra para Jairzinho, enganando todo mundo. [...] o técnico inglês, parecia certo de que seus jogadores iam frustrar o ímpeto e o virtuosismo dos nossos. [...] – “A Inglaterra vai ganhar, porque o Brasil não tem defesa. Félix, Brito e Piazza são horrorosos”. [...] Os rapazes da imprensa perguntaram: – “E Pelé?”. Achou graça: – “Ora, Pelé”. [...] O que Ramsey queria dizer, por outras palavras, é que os brasileiros não são de nada. [...] Pois bem: – eis o fato: – Jairzinho arranca. A bola sabe quando vai ser gol e se ajeita para o gol. E Jairzinho, que era a

maior saúde em campo, ainda ultrapassou um inglês; e encheu o pé. Era o gol de uma das mais belas, mais perfeitas, irretocáveis vitórias brasileiras de todos os tempos. [...] Mas não tem sido fácil a vida do escrete. Por exemplo: – Paulo César sofreu em São Paulo uma experiência inédita: – uma vaia de noventa minutos. Isso corresponde a um linchamento. [...] Nem se pense que foi ele o único. Mas não vamos amaldiçoar as vaias ao escrete. [...] A jornada brasileira no México é uma vingança contra as vaias. E o que a seleção e, antes da seleção, o que sofreu o futebol brasileiro nas mãos dos “entendidos”. [...] O que é o “entendido”? [...] É o cronista que esteve, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta: – o futebol europeu em geral e o inglês em particular eram muito melhores do que o nosso. [...] O “entendido” afirmava mais: – os times de lá não deixavam jogar. [...] Como se não bastasse tudo o mais, ainda descobriu o “entendido”: – o futebol moderno não é bonito, não quer ser bonito e escorraçou o belo e artístico de suas cogitações. Bonito e artístico é o futebol subdesenvolvido de Brasil e outros. [...] Uma mentira a história de que os europeus não deixam jogar. [...] E vem o “entendido” e declara, solene, enfático, hierático: – “Nós não somos os melhores”. [...] Vou concluir: – o “entendido” só não se torna abominável porque o ridículo o salva. (RODRIGUES, 1993, p. 180-183)

Por ser extensa, a crônica consegue trabalhar com diversas temáticas e encontrar convergências entre essas. Inicia ao falar sobre da passeata ocorrida em 1964, contrária às Reformas de Base instauradas no governo de João Goulart, todavia, o Anjo Pornográfico faz alusão à falta de apoio da massa popular aos “cem mil” que, para o cronista, eram os “filhos das elites”, que naquele momento enalteciam a ação que implementou o regime ditatorial, é importante afirmar que o movimento estudantil, na maioria das vezes, de postura socialista, esteve nitidamente contrário a essa manifestação e, também, reagiu com outras. Também faz a crítica às “esquerdas”: que não raras vezes criticavam o esporte como uma forma de alienação. Depois começa a descrever o gol brasileiro, segundo o cronista, um dos mais belos da história da seleção brasileira. Seguindo, a outrora elogiada “civilização britânica”, na crônica anteriormente discutida, esta é aqui veementemente criticada por Nelson Rodrigues; principalmente, a figura do treinador Alf Ramsey da seleção inglesa, que, de acordo com o escritor, havia desdenhado e insultado os jogadores brasileiros. Todavia, outros comentários negativos também são direcionados à mídia esportiva brasileira, “os entendidos”, e seus seguidores.

A “fraqueza” não estaria no selecionado nacional, mas sim nos brasileiros da grande mídia que os criticavam e os faziam ser criticados por aqueles que os acompanhavam. A vitória seria sobre a débil opinião da mídia, portanto pública,

também comparada aos “cem mil”. É notório que discutir a política nacional de maneira direta não é algo comum nas crônicas de Nelson Rodrigues. Mas quando ocorria, havia, perceptivelmente, na maioria das vezes, uma predileção pelo nacionalismo. Um exemplo explícito é a crônica sobre a conquista do título da Copa de 1970 no México, considerada por muitos a maior competição mundial de futebol do século XX, intitulada “Dragões de espora e penacho”, publicada pelo periódico *O Globo* em 22 de junho de 1970, em que há ferozes críticas aos pessimistas do momento, associados à figura do antipatriota; traidor da nação junto à hipérbole rodrigueana, contra o selecionado nacional:

[a]migos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há desculpa, não há dúvida, não há sofisma. Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembram do que os nossos “entendidos” diziam dos craques europeus. Ao passo que nós éramos quase uns pernas-de-pau, quase uns cabeças-de-bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o escrete, não ganhariam nem batalhas de soldadinhos de chumbo. [...] Mas, sem querer, com sua inépcia, e com sua incompetência, os “entendidos” acabaram prestando um grande serviço, porque tornaram os brios do escrete mais eriçados do que as cerdas bravas de um javali. [...] Raríssimos acreditavam no Brasil. Um deles era o presidente, que me dizia: – “Vamos ganhar, vamos ganhar” – e que, ainda no sábado, dava o seu palpite para a finalíssima: - “Brasil 4 x 1”. Mas os “entendidos” juravam que o futebol brasileiro estava atrasado trinta anos. [...] Já na véspera as maiores autoridades do futebol declararam, unanimemente, que o Brasil tinha que ganhar o jogo, porque era muito melhor. Esse era o óbvio ululante, que o mundo enxergava, menos os “entendidos” daqui. [...] Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de espora e penacho, como os Dragões de Pedro Américo. (RODRIGUES, 1993, p. 191-193)

Aqui, o cronista é sarcástico no início ao “elogiar” os defeitos propostos pela imprensa, ao prenunciar o sarcasmo, que tanto desconfiara da capacidade da seleção brasileira naquela Copa do Mundo. Depois, de maneira nem tão discreta, expõe um dos torcedores mais emotivos do selecionado, o presidente Médici. Segundo Nelson Rodrigues, seria um dos poucos que acreditava no sucesso do Brasil naquele Mundial. Posteriormente ao “óbvio ululante”, quanto às qualidades da equipe brasileira, quando o dramaturgo pernambucano comenta sobre o artista brasileiro Pedro Américo, percebe-se a referência ao quadro *Independência ou Morte*, as esporas e penachos dos Dragões da Independência, fazendo alusão a

seus uniformes, são os elementos que compõem o título da crônica que tem por finalidade enfatizar o orgulho nacional – Dragões da Independência como era conhecida a guarda do imperador Dom Pedro I, e hoje o Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas, que possui dentre suas missões guarnecer as instalações da Presidência da República e contribuir para a formação do cidadão nacional – frente ao triunfo na Copa de 70; o Brasil fora a primeira seleção a conquistar três vezes o campeonato mundial. A alusão à vitória e à conquista também é associada à figura de Napoleão, o conquistador, que de acordo com o exagero do escritor, não teria vencido nenhuma batalha se houvesse passado pelas vaias às quais os jogadores da seleção foram submetidos.

O escritor Nelson Rodrigues enfatiza a atuação do Brasil na Copa e propõe que o povo brasileiro perca o medo de ser patriota – e como deve enaltecer tal vitória, que não é apenas uma vitória no esporte, como suas palavras expõem: é uma vitória de um país, uma nação, um povo, que tantas vezes é vitimado pela “síndrome de vira-latas”, tema de outras crônicas do Anjo Pornográfico. O *dybbuk* refletido nas crônicas de Nelson Rodrigues convida à empolgação óbvia, explícita, mas incita à subversão implícita que se entremeia nas discussões propostas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PALAVRAS PRESAS AO TEMPO

As diversas crônicas discutidas nesta dissertação privilegiaram os temas que foram discutidos durante a pesquisa, todavia, nem de longe encerram o arcabouço amplo que apresentam. A diversidade de elementos culturais, literários, políticos e sociais que carregam, necessitam, assim como possuem, de uma grande fortuna crítica que priorizem tais focos. A opinião cotidiana ganha tons maiores com a versatilidade dos escritores que não se furtam de utilizar suas habilidades de literatos para levar ao leitor suas opiniões, esteja este em concordância ou não com os pressupostos anunciados nas crônicas.

Para Walter Benjamin, a História “é o choque entre a tradição e a organização política.” (2013, p. 33). A tradição se apresenta como o aspecto de resistência de uma comunidade, representada pela crônica que questiona ou levanta problemáticas sobre o contexto em que se insere, este por sua vez se manifesta como a conjuntura político-social imposta pelo regime imposto sobre a mesma. Os *anjos modernos*, categorização retirada a partir da leitura e reflexão sobre os textos de Walter Benjamin e de Mônica Velloso, descritos na dissertação apresentada expuseram o conflito em seus textos, as manifestações dos *dybbukim literários* aqui apresentados em trechos e interpretados em diversos pontos. As posições acerca da conjuntura política nacional, algumas com elementos que apontam para uma crítica favorável, como as discutidas em Nelson Rodrigues, outras antagônicas, como as expostas nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade foram analisadas. A presente pesquisa percorreu caminhos por estudos da Filosofia, da História, da Religião, e da Literatura para encontrar outras formas de revê-los e rediscuti-los. A História e Literatura do Brasil, mais que um legado, são os espelhos para questionamentos sobre o presente e ,obviamente, sobre o futuro do país.

A diferença entre os estilos e as opiniões postuladas dos cronistas enaltece suas habilidades como literatos, que os colocaram no panorama da literatura nacional e, além de se fazer perceber suas posições críticas diante do panorama em que viviam, não necessariamente em uníssono, todavia, reflexivas. Seus notáveis antagonismos, acidentais, ou não, incoerências ou mesmo seus supostos ativismos, todos elementos presentes em seus textos, são salutares ao descrever não apenas um período conturbado de nossa história, com reflexo em diversas áreas, ou uma maneira particular em que a arte literária se realiza, mas também dialogar com o

leitor em uma tentativa de convencê-lo a participar de seu mundo, sua visão de realidade; se este compartilhará da mesma posição proposta nas opiniões dos cronistas, notoriamente, não é o objetivo final: a crônica cristaliza um momento em palavras, um instante capturado, como uma fotografia de época, que tem como filtro a compreensão daqueles que a escreveram – conhecimento não apenas como história ou literatura, mas como ponderação cotidiana, exercício reflexivo puro de contemplação da realidade; exercício este proposto pelos anjos, “torto” e “pornográfico”, que compartilham de visão semelhante à tida pelo *Angelus Novus* de Paul Klee, interpretada por Walter Benjamin, que se utiliza da lenda talmúdica para compreendê-la e caracterizá-la a partir do contexto cultural ídiche em que o *dybbuk* se manifesta.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 1993. 294 p.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Pesquisa e Seleção de textos Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 2002. 271 p.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e Tradução João Barreto. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2013. 261 p.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 38 ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 332, 340, 441.
- CANÇADO, José Maria. **Os Sapatos de Orfeu**: Biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2006. 367 p.
- CANDIDO, Antonio. A Vida ao Rés-do-Chão. In: \_\_\_\_\_. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp, 1992. 13-22 p.
- CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia de Letras, 1992. 457 p.
- CORNELSEN, Élcio Loureiro. Imagens do Futebol no Cinema Brasileiro Contemporâneo: Memória e drama social como modos de resistência. In: SARMENTO-PANTOJA, Tânia et al. (Org.). **Literatura e Cinema de Resistência: novos olhares sobre a memória**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013. 206 p.
- FALBEL, Nachman. Um Dibuk entre dois mundos. **Boletim do Arquivo Historico Judaico Brasileiro**, São Paulo, n. 48, p. 6-8, 2013. Disponível em: <<http://www.ahjb.org.br/pdf/Boletim48.pdf> >. Acesso em: 26 dez. 2014.
- FICO, Carlos. **Além do golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 2004. 391 p.
- FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64**: a festa. São Paulo: Editora UNESP, 1998. 240 p.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses** – Futebol, Sociedade e Cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 472 p.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 179. Tradução de: *Warhet und Methode*.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 204. (Coleção L&PM Pocket, 383).
- GIL, Gilberto. Tempo Rei. Intérprete: Gilberto Gil. In: \_\_\_\_\_. **Raça Humana**. [S.I.]: WEA, 1984. 1 CD. Faixa 04.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Tradução Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 2004. 252 p. Tradução de: *Der Ursprung des Kunstwerks*.
- HIME, Francis; BUARQUE, Chico. Meu Caro Amigo. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, Chico. **Meus Caros Amigos**. [S.I.]: Universal Music, 1976. 1 CD. Faixa 10.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Moreira. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 243 p. Tradução de: *Homo Ludens: vom Unprung der Kultur im Spiel*.
- HUNT, Lynn (Org.). **A invenção da pornografia**: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999. 372 p.
- IORIO, Fabio Mario. **Rastros do cotidiano**: Futebol em Versiprosa de Carlos Drummond de Andrade. 2006. 349 f. Tese (Doutorado) – em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MELO NETO, João Cabral de. Agreste/Poesia. In: LISPECTOR, Clarice; NUNES, Benedito (Org.). **A paixão segundo G. H.**. Ed. crítica. [Paris]: Association Archives de la Littérature Latino-Américaine, des Caraïbes et africaine du XXe. siècle, [1988]. p. 15.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. In: CANDIDO, Antonio. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp, 1992. p. 94.
- MORAES, Dênis de. **A esquerda e o golpe de 64**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 376 p.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 24, 177.

MOTTA, Thereza Christina Rocque da. **Futebol e mais nada**: um time de poemas. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012. p. 36.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O espaço da crítica II**. Crônica: Dimensão Literária e Implicações Dialéticas. Goiânia: Editora da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, Instituto Goiano do Livro, 2002. 293 p.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 374 p.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. A dimensão sagrada do jogo e da festa: o corpo na trama misteriosa do numinoso. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Lecy Consuelo (Orgs.). **Futebol e Sociedade**: Um Olhar Transdisciplinar. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005. p. 108.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia de Letras, 1993. 193 p.

RODRIGUES, Nelson. **O óbvio ululante**: primeiras confissões crônicas. São Paulo: Companhia de Letras, 1993. 303 p.

ROSSO, Mauro. Futebol: paixões e ódios desde sempre. In: \_\_\_\_\_. **Lima Barreto versus Coelho Neto**: um Fla-Flu literário. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. p. 61, 69, 73

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Editora Ática, 2002. 94 p.

SANDER, Roberto. Que País era este? In: \_\_\_\_\_. **Sul-Americano de 1919**: quando o Brasil descobriu o futebol. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009. p. 21, 52.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia; VOLOBUEF; Karin; TRUSEN, Sylvia Maria. (Org.).

**Tradução cultural e memória**: estudos multidisciplinares. Rio de Janeiro: 7letras, 2014. p. 153.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. 1997. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Letras - Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 1997.

- SILVA, Marcelino Rodrigues da. Virada de jogo na imprensa esportiva. In: \_\_\_\_\_. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 126, 128, 130.
- SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006. 85 p.
- STERZI, Eduardo. Drummond e a Poética da Interrupção. In: Damazio, Reynaldo (Org.) **Drummond Revisitado**. São Paulo: Unimarco Editora, 2002. p. 49-90.
- STIERLE, Karlheinz. A inocência da ficção. In: NUÑES, Carlinda Fragale Pate; SANTOS, Francisco Venceslau dos. (Org.). **A ficção**. Rio de Janeiro: Caetés, 2006. 96 p.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **História & Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 84 p.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia de Letras, 2008. 448 p.